



**FACULDADE DE SÃO BENTO - SP**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A MORAL ESCRAVA E A MORAL NOBRE NOS DIAS DE HOJE**

**ADOLFO PEREIRA BORGES**  
**ORIENTADOR: Dr. JOSÉ CARLOS BRUNI**

**SÃO PAULO - 2015**

**ADOLFO PEREIRA BORGES**

**A MORAL ESCRAVA E A MORAL NOBRE NOS DIAS DE HOJE**

Trabalho de conclusão de curso – realizado sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Bruni (FSB) – para a obtenção do título de licenciado no curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

**São Paulo – 2015**

## FACULDADE DE SÃO BENTO – SP

Eu, **Adolfo Pereira Borges**, portador do RG.: 455787 / TO, R.A.: 345, apresento para avaliação da comissão examinadora o Trabalho de Conclusão de Curso a seguir, de minha autoria e intitulado: **A MORAL ESCRAVA E A MORAL NOBRE NOS DIAS DE HOJE**. Estou ciente das normas estabelecidas no Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Filosofia, às quais declaro ter cumprido integralmente.

São Paulo, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

---

**Assinatura do Aluno**

**Comissão Examinadora**

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Bruni (FSB): \_\_\_\_\_

Prof. (a) 1: \_\_\_\_\_

Prof. (a) 2: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_ .

Avaliação: ( ) Aprovado ( ) Pendente ( ) Reprovado

Parecer ou Observações:

---

---

---

---

## Sumário

<b>Resumo</b>	<b>05</b>
<b>Abstract</b>	<b>06</b>
<b>Introdução</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO I – O Ideal Ascético</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO II – A Moral escrava ou do ressentimento</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III – A Moral nobre</b>	<b>36</b>
<b>Conclusão</b>	<b>49</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>53</b>

## Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo demonstrar, nos dias atuais, como se dão os mecanismos de dominação da moral escrava para com seus subordinados ou não, e também apontar um caminho alternativo a este da moral do ressentimento, caminho que será trilhado na moral nobre.

A moral escrava ou moral do ressentimento será tratada em duas etapas: no primeiro capítulo – **O Ideal Ascético** –, quando busco demonstrar um esboço de sua gênese a partir de *três pilares* – que eu mesmo elenquei conforme produzia este trabalho – formados pelo ideal ascético, que são: a religião, o nacionalismo e a ciência; e no segundo capítulo – **A moral escrava ou moral do ressentimento** –, quando busco demonstrá-la nos hodiernos dias por meio do capitalismo, que é um *quarto pilar resultante dos outros três* ditos acima.

A moral nobre – abordada no terceiro capítulo **A Moral Nobre** – é aqui neste trabalho, assim como nas obras de Nietzsche, a alternativa à moral escrava; através de *filósofos de espíritos livres* ela apresentará outra *forma de ver o mundo*, forma em que há perspectivismo no olhar.

Por fim, o trabalho em questão tenta expor uma visão nietzschiana dos dias atuais.

**Palavras chave:** Nietzsche, moral escrava, moral do ressentimento, moral nobre, perspectivismo, ideal ascético, vontade de poder, vontade de verdade, negação de si, renúncia de si, cultura de massas, espírito livre e filósofo.

## Abstract

The purpose of this final paper is to demonstrate how the mechanisms of slave morality, toward subordinates or non-subordinates, exist on the current days and to indicate an alternative path to that of the morality of resentment, which will be trodden in the noble morality.

The slave morality or morality of resentment will be broken down into two phases: in chapter one – **The Ascetic Ideal** –, when I seek to outline its genesis based on *three pillars* – which I myself listed as I prepared this paper – formed by the ascetic ideal, to wit: religion, nationalism and science; and in chapter two – **The slave morality or morality of resentment** –, when I seek to demonstrate it on the current days through capitalism, which is the *fourth pillar* resulting from the other three referred to above.

The noble morality – approached in chapter three – **The Noble Morality** – is in this paper as it is Nietzsche's works, the alternative to the slave morality; through *free-spirit philosophers*, it will present another *way to see the world*, in which way there is perspectivism in the eyes.

Lastly, this paper seeks to expose a Nietzsche's viewpoint on the current days.

**Keywords:** Nietzsche, slave morality, morality of resentment, noble morality, perspectivism, ascetic ideal, will to power, will to truth, self-denial, self-renunciation, mass culture, free spirit and philosopher.

## Introdução

Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.<sup>1</sup>

Este trabalho visa explicar, a partir das obras *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral* do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), a ascensão e domínio da moral judaico-cristã (moral do ressentimento ou moral escrava); um olhar “europeizado do mundo”, sobre as demais culturas por onde este “rolo compressor” passou; seu fortalecimento pela massificação, como se pode perceber hoje através da publicidade, que direciona a vontade das pessoas, citando um exemplo: o consumismo exacerbado que hodiernamente existe. O trabalho aqui em questão, não só pretende mostrar como a moral do ressentimento adquiriu mecanismos de domínio cada vez mais eficazes, mas também propor uma alternativa, por meio da moral nobre, de *superar*, de romper com esta cultura escrava; alternativa esta que visa o perspectivismo, que é ciente da ignorância da massa e que não busca, como no ideal ascético, um remédio, uma salvação ou cura da alma, mas algo além, como a **Vontade de Poder**, a vida e o amor.

Segundo Nietzsche, o ideal ascético proporciona ao ser humano o sentido, finalidade de sua existência na Terra, e assim ele define tal ideal:

O ideal ascético significa precisamente isto: que algo faltava, que uma monstruosa lacuna circundava o homem – ele não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele sofria do problema do seu sentido. Ele sofria também de outras coisas, era sobretudo um animal doente: mas seu problema não era o sofrer mesmo, e sim que lhe faltasse a resposta para o clamor da pergunta: ‘para que sofrer?’. O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não nega em si o sofrer, ele o deseja, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento.<sup>2</sup>

Desta forma, o ideal ascético é uma espécie de “entorpecente”, de “remédio, no que tange ao sofrimento; ele dá ao homem que sofre – o doente – um conforto, a segurança de um caminho, de um “para onde”; desta maneira o ideal ascético “gera” uma “nova realidade”, baseado em seu asceticismo. Sendo assim, o ideal ascético traz consigo um problema, muito

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005 – seção 146 – p. 70.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral*: uma polêmica; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2009 – seção 28, Terceira dissertação: O que significam ideais ascéticos? – p. 139.

citado por Nietzsche, que é o da **vontade de verdade**. A vontade de verdade nega o mundo para que seja possível a sua “visão do mundo”, para poder afirmar um “outro mundo”, como, por exemplo, no Cristianismo, na moralidade cristã.

(...) Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autossacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos aqui diante de uma desarmonia que se quer desarmônica, que frui a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica. ‘O triunfo na agonia derradeira’: sob este enigma superlativo lutou desde sempre o ideal ascético; neste enigma de sedução, nesta imagem de êxtase e tormento ele reconheceu sua luz mais intensa, sua salvação, sua vitória final. Crux, nux, lux (cruz, noz, luz) – para ele são uma só coisa.<sup>3</sup>

A partir desse ideal de massas – o ideal ascético – Nietzsche vai nos mostrar a formação de uma moral que ele chama de moral do ressentimento ou moral escrava. Estas espécies de morais são as que encontramos em nosso cotidiano, difundida principalmente pelos conceitos cristãos, não só religiosos, mas principalmente moral, como por exemplo, a vontade de verdade, a negação de si, renúncia de si e autossacrifício, assim nos mostra o filósofo:

Não adianta: é preciso questionar impiedosamente e conduzir ao tribunal os sentimentos de abnegação, de sacrifício em favor do próximo, toda a moral da renúncia de si: do mesmo modo a estética da ‘contemplação desinteressada’, com a qual a emasculação da arte procura hoje, sedutoramente, criar uma consciência tranquila. Há encanto e açúcar demais nesses sentimentos de ‘para os outros’, de ‘não para mim’, para que não se tenha a necessidade de desconfiar duplamente e perguntar: ‘não seriam talvez – seduções?’. – O fato de agradarem – aquele que os tem e aquele que goza de seus frutos, e também aos meros espectadores – não fornece argumentos em favor deles, mas é, isto sim, um convite à cautela. Logo, sejamos cautelosos!<sup>4</sup>

<sup>3</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 11, Terceira dissertação: O que significam ideais ascéticos? – p. 99.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 33 – p. 37.



Ele problematiza essa moral, evidenciando seu “ar encarcerador”, tendo-a como problema e buscando a solução no Perspectivismo, no “espírito livre” ou, como ele também define, na moral nobre.

A moral nobre é uma espécie de moral que dialoga com seu meio, lança mão do Perspectivismo e é também entendida pelo Filósofo como uma moral dos “espíritos livres”, agindo de forma diferente daquela moral conduzida pelo ideal ascético.

O que é nobre? O que significa hoje para nós a palavra “nobre”? Onde se revela, em que se reconhece, sob o pesado e anuviado céu do incipiente domínio da plebe, através do qual tudo fica opaco e plúmbeo, o homem nobre? – Não são os atos que apontam – os atos são sempre ambíguos, sempre insondáveis –, também não são as ‘obras’. Entre artistas e eruditos encontram-se muitos que revelam, com suas obras, o quanto um anseio profundo os impele em direção ao que é nobre: mas precisamente este necessitar do que é nobre é radicalmente distinto das necessidades da alma nobre mesma, e inclusive um sintoma eloquente e perigoso de sua ausência. Não são as obras, é a fê que aqui decide, que aqui estabelece a hierarquia, para retomar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: alguma certeza fundamental que a alma nobre tem a respeito de si, algo que não se pode buscar, nem achar, e talvez tampouco perder. A alma nobre tem reverência por si mesma.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Idem – seção 287 – p. 174.

## Capítulo 1

- **O Ideal Ascético.**

(...) Lida de um astro distante, a escrita maiúscula de nossa existência terrestre levaria talvez à conclusão de que a Terra é a estrela ascética por excelência, um canto de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da Terra, de toda a vida, e que a si mesma infligem o máximo de dor possível, por prazer em infligir dor – provavelmente o seu único prazer...<sup>6</sup>

O ideal ascético, como já foi dito acima, é que dá ao homem um sentido – *direcionamento* –, à sua vida e, sendo assim, é ele que lhe dá a *ótica do mundo*, que proporciona ao homem a realidade do mundo: “No princípio Deus criou os céus e a terra”.<sup>7</sup> O início do livro do Gênesis do *Velho Testamento*, por exemplo, fundamenta toda uma ótica que não é só religiosa, como também moral, pois Deus – ao criar os céus e a terra – é quem dá a condição necessária de vida para o homem, aliás, é ele quem dá vida para o homem: “Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser a alma vivente”;<sup>8</sup> e não só para o homem como também para a mulher: “Disse mais Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”;<sup>9</sup> e: “E a costela o Senhor Deus tomara do homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe”<sup>10</sup>. Sendo assim, temos para com o Criador uma *eterna dívida*, que só pode estar em dia quando se submete aos pressupostos morais deste Deus. Desta forma, usando como exemplo o ideal judaico-cristão, temos uma gênese da humanidade demonstrada como verdade, que partindo do desespero para o preenchimento *do vazio do sentido da vida* – que consome o doente, o malogro –, a *fé na vontade de verdade* é o terreno mais fértil para a realização e ascensão do ideal ascético no espírito; e é nesta *fé na vontade de verdade* que encontramos o mais forte e perigoso entorpecente, com o qual o sacerdote ascético faz uso indiscriminado para o alívio da dor do que sofre, daquele que *precisa* sofrer.

O homem que sofre é aquele que o filósofo chama de fraco, o que tem a *moral escrava* ou *moral do ressentimento*; é o tipo de homem que guarda rancor, que sempre está com *dor*,

<sup>6</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 11, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – pp. 98 - 99.

<sup>7</sup> *Bíblia*; tradução, notas e posfácio de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade bíblica do Brasil, 1960. (Edição revista e atualizada no Brasil – Impresso no Brasil – Série RD-100.000-2-1960) – Gênesis 1:1.

<sup>8</sup> Idem, Gênesis 2:7.

<sup>9</sup> Idem, Gênesis 2:18.

<sup>10</sup> Idem, Gênesis 2:22.

vive intensamente *todas as felicidades dispostas* por aquilo que seu ideal ascético julga bom; é casto, não *pode* reclamar, não *chora*, é *normal* e tem sempre a necessidade de julgar, de pré-julgar com sua verdade tudo o que o cerca, sempre com o olhar condenatório, com o prazer em condenar tudo aquilo que foge à *sua* verdade, à *sua vontade de verdade* que é exposta de forma individual, mas sentida coletivamente como numa massa. Este homem que sofre nasce junto da “*cultura da dor*”, como no exemplo do judaísmo-cristão; ele “não está” para esta realidade, ele “não está” para si mesmo, está sempre em eterna dívida para com o Criador. Frustrado, em busca da perfeição moral, tem como referência uma moral inalcançável que é exercida pelo mais *puro* e *santo* dos homens, que não lhe é natural, que vai contra seus instintos animais e conseqüentemente humanos, como nos mostra Nietzsche:

Os doentios são o grande perigo do homem: não os maus, não os ‘animais de rapina’. Aqueles já de início desgraçados, vencidos, destroçados – são eles, são os mais fracos, os que mais corroem a vida entre os homens, os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós. Onde se poderia escapar a ele, àquele olhar velado que nos deixa uma profunda tristeza, àquele olhar voltado para trás do homem deformado na origem, que revela como tal homem fala consigo mesmo – àquele olhar que é um suspiro? ‘Quisera ser alguma outra pessoa’, assim suspira esse olhar: ‘mas não há esperança. Eu sou o que sou: como me livraria de mim mesmo? E, no entanto – estou farto de mim! (...). Neste solo de autodesprezo, verdadeiro terreno pantanoso, cresce toda erva ruim, toda planta venenosa, e tudo tão pequeno, tão escondido, tão insincero, tão adocicado.’<sup>11</sup>

E quem será aquele que irá *olhar pelos doentes*? Quem será seu *salvador*? O filósofo chamará este que faz uso da “*medicina ascética*” de sacerdote ascético, e Nietzsche assim o define:

O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse. Seu direito à existência se sustenta ou cai com esse ideal: como admirar que encontremos aqui um adversário terrível, supondo-se que sejamos adversários desse ideal? Um adversário tal que luta por sua vida, combatendo os que negam esse ideal? (...). Por outro lado, é improvável que uma atitude tão interessada perante nosso problema resulte especialmente proveitosa para ele; dificilmente o sacerdote ascético será um defensor afortunado do seu ideal, (...) – tampouco será ele o juiz mais imparcial da controvérsia aqui levantada. Portanto, teremos que ajudá-lo a bem defender-se de nós – uma constatação palmar, a essa altura –, em vez de rezear sermos refutado por ele... O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo que a pertence, ‘natureza’, ‘mundo’, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma

<sup>11</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 14, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – p. 103.

existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta – que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe, onde pode, a sua valoração da existência. Que significa isso? Um tal monstruoso modo de valorar não se acha inscrito como exceção e curiosidade na história do homem: é um dos fatos mais difundidos e duradouros que existem.<sup>12</sup>

Desta forma, Nietzsche demonstra o asceta como um “conducente da vida”, valorando-a a partir daquilo que *ele* julga ideal. Como acima, quando cito o *Gênesis*, por exemplo, sobre a mulher, que sempre foi conduzida a crer em sua serventia, seu caráter existencial de utilidade, única e exclusivamente como coadjuvante; como a Eva onde o caráter de *produto* sempre foi evidenciado. Ela é a expressão do caráter aliciador, da incapacidade e da submissão, pois assim se percebe no livro do *Gênesis*. Quanto ao que se refere a ser aliciadora, podemos ver: “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu;”<sup>13</sup> < e >: “Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi”;<sup>14</sup> < e também >: “E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterá dela o sustento durante os dias de tua vida”.<sup>15</sup> No que tange à incapacidade, (...) “Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi”.<sup>16</sup> E sobre a submissão: “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filho; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”.<sup>17</sup> Assim sendo, temos neste caso um sentido do que é a mulher e para que veio. O asceta, com esta vontade de verdade, dá sentido e preenche o vazio que atua na alma da mulher que sofre, ele a “medica”, dando lugar a ela dentro de seu idealismo que não só é religioso, mas também moral, comportamental; diz o filósofo:

Percebe-se agora o que, segundo minha concepção, o instinto-curandeiro da vida ao menos tentou através do sacerdote ascético, e para que lhe serviu a tirania temporária de conceitos paradoxais e paralógicos como ‘culpa’,

<sup>12</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 11, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – p. 98.

<sup>13</sup> Bíblia, Gênesis 3:6.

<sup>14</sup> Idem, Gênesis 3:12.

<sup>15</sup> Idem, Gênesis 3:17.

<sup>16</sup> Idem, Gênesis 3:12.

<sup>17</sup> Idem, Gênesis 3:16.

‘pecado’, ‘pecaminosidade’, ‘corrupção’, ‘danação’: para tornar os doentes inofensivos até certo ponto, para fazer os incuráveis se destruírem por si mesmos, para com rigor orientar os levemente adoentados de volta a si mesmos, voltando para trás seu ressentimento (‘uma só coisa é necessária’), e desta maneira aproveitar os instintos ruins dos sofredores para os fins de autodisciplinamento, autovigilância, autossuperação. Já se vê que uma tal ‘medicação’, uma simples medicação de afeto, não pode significar uma verdadeira cura de doentes no sentido fisiológico; não se poderia sequer afirmar que o instinto e vida teve aí a intenção e a perspectiva de cura. De um lado uma espécie de concentração e organização dos doentes – a palavra ‘Igreja’ é o nome mais popular para isso –, de outro lado uma espécie de salvaguarda provisória dos mais sadiamente constituídos, dos mais plenamente forjados, criando-se assim um abismo entre doentes e sãos – durante muito tempo isto foi tudo! E era muito! Era muitíssimo!...(Nesta dissertação, como se vê, parto de um pressuposto que não tenho primeiro de justificar, em vista de leitores tal como os necessito: o de que a ‘natureza pecaminosa’ do homem não é um fato, mas apenas a interpretação de um fato, ou seja, uma má disposição fisiológica – vista sob uma perspectiva moral-religiosa que para nós nada mais tem de imperativo. – Que alguém se sinta ‘culpado’, ‘pecador’, não demonstra absolutamente que tenha razão para sentir-se assim; tampouco alguém é são por apenas sentir-se são. Recorde-se os célebres processos contra as bruxas: os mais perspicazes e humanos não duvidavam da existência de culpa; as ‘bruxas’ mesmas não duvidavam – e no entanto não havia culpa. – Expressando esse pressuposto de uma forma mais ampla: a própria ‘dor da alma’ não me parece em absoluto um fato, mas apenas uma interpretação (interpretação casual) de fatos que até agora não puderam ser formulados com exatidão: portanto, algo ainda inteiramente no ar, e que não se impõe cientificamente – apenas uma palavra obesa, em lugar de um seco ponto de interrogação. Se alguém não dá conta de sua ‘dor da alma’, isto não vem, falando cruamente, de sua ‘alma’; mais provavelmente do seu ventre (falando cruamente, como disse: o que de modo algum expressa o desejo de ser ouvido e compreendido cruamente...).<sup>18</sup>

A situação da mulher foi aqui usada para exemplificar a ação do asceta, que *conforta* e entorpece assim como faz o remédio ao doente, aliás, Nietzsche discute muito este caráter de *médico*, de *salvador*, que o sacerdote ascético possui, assim ele nos mostra:

Mas é realmente um médico, este sacerdote ascético? – Já notamos que dificilmente podemos chamá-lo de médico, por mais que lhe agrade sentir-se ‘salvador’, ser venerado como ‘salvador’. Apenas o sofrimento mesmo, o desprazer do sofredor, é por ele combatido, não a sua causa, não a doença propriamente – esta deve ser nossa objeção mais radical à medicação sacerdotal. Mas, colocando-se uma só vez naquela perspectiva, a única que o sacerdote possui e conhece, não há limites para a admiração por tudo o que ele viu, buscou e achou sob tal perspectiva. A mitigação do sofrimento, o ‘consolo’ de toda espécie – isto se revela como o seu gênio mesmo; com que inventividade compreendeu ele sua tarefa de consolador, de que modo irrefletido e ousado soube escolher os meios para ela! O Cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos

<sup>18</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 16, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – pp. 109 - 110.

meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional – refinado com que intuiu, sobretudo, os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travados. Podemos, de antemão, ter como verossímil que de tempos em tempos, em determinados lugares da Terra, um sentimento de obstrução fisiológica deve quase que necessariamente apossar-se de vastas massas, o qual, no entanto, por falta de saber fisiológico, não penetra como tal na consciência, de modo que seu ‘motivo’, seu remédio, pode ser procurado e experimentado tão somente no domínio psicológico-moral – e esta é minha fórmula mais geral para o que comumente é chamado de “religião”.<sup>19</sup>

Desta forma, temos o asceta como nosso *domesticador* e constatei três pilares que são, a meu ver, que subsidiam a domesticação exercida pelo sacerdote ascético, são eles: a religião, o nacionalismo e a ciência. Porém, como este é um trabalho de conclusão de curso, não me aprofundarei nos temas que defini como três pilares, e uma melhor investigação pode ser que venha a ser realizada num trabalho futuro; neste, discorrerei brevemente sobre os três pilares.

Seguindo com a religião, mais acima discorri sobre a Eva e a influência da religião no processo de domesticação. Agora, quero evidenciar sua influência na formação da *cultura da dor*, na moral escrava, usando como exemplo a domesticação que foi feita aqui em terras “tupiniquins”, Brasil, pois não posso esquecer-me do que este genocida da cultura, o sacerdote ascético, fez durante o processo de descobrimento e colonização do Brasil e também do continente americano como um todo; mas aqui falaremos somente do Brasil. Dando o exemplo de duas situações em especial, de maneira bem sucinta tentarei explanar os horrores promovidos pelo judaísmo-cristão aos índios e africanos que para cá foram trazidos; seu processo de escravidão, que não só se deu fisiologicamente, mas, sobretudo, de maneira psíquica.

O mais célebre nome asceta que contribuiu para a domesticação, cristianização ou *civilização* do povo indígena no Brasil é José de Anchieta, padre jesuíta canonizado no ano de 2014, que contribuiu para o processo de colonização.

A primeira probabilidade geral a que se chega, ao examinar a santidade e a ascese, é a de que sua natureza é complexa: pois em quase toda parte, tanto no mundo físico como no moral, houve sucesso em reduzir o pretensamente miraculoso ao complexo e multiplamente condicionado. Ousemos, portanto, isolar inicialmente alguns impulsos da alma dos santos e ascetas, e por fim imaginá-los intimamente entrelaçados.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 17, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – pp. 110 - 111.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* – 2005, seção 136 – pp. 97 - 98.

Anchieta foi muito influente na vida dos nativos; de maneira incisiva, ele “europeizou” – *vestindo e civilizando* o olhar do índio – sempre sob a influência assídua do judaísmo-cristão. Nietzsche discute o porquê de ações como as de Anchieta:

Demonstramos profunda incompreensão do animal de rapina e do homem (César Bórgia, por exemplo), incompreensão da ‘natureza’, ao procurar algo ‘doentio’ no âmago desses mais saudáveis monstros e criaturas tropicais, ou mesmo por um ‘inferno’ que lhe seria congênito – como sempre fez quase todo moralista. Não parece haver, entre os moralistas, um ódio à floresta virgem e aos trópicos? E uma necessidade de descreditar a todo custo o ‘homem tropical’, seja como doença e degeneração do homem, seja como inferno e automartírio próprio? Mas por quê? Em favor das ‘zonas temperadas’? Em favor dos homens temperados? Dos homens ‘morais’? Dos medíocres? – Isto para o capítulo “Moral como pusilanimidade”.<sup>21</sup>

Os africanos, assim como os índios, foram massacrados pelo cristianismo. Vou citar uma passagem de um livro que resume bem os procedimentos da *escravidão da alma*, um fortalecimento para a aceitação da escravidão física, realizados pelos padres:

(...) Em 1633, o padre Antônio Vieira expressa essa compreensão da Igreja católica ao falar aos escravos de um engenho da Bahia: “Cristo despido e vós despídos; Cristo sem comer e vós famintos; Cristo em tudo maltratado e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isso se compõe a vossa imitação, que se for acompanhada de paciência também terá merecimento de martírio”. Enquanto aos cativos se recomenda a submissão com a promessa de um futuro glorioso nos céus, os senhores são ameaçados com os castigos divinos e terrestres – a rebelião e a sedição – caso não diminuam os maus tratos.<sup>22</sup>

A descaracterização, aceitação da humilhação, negação de si, são mecanismos eficientes na domesticação; não seria estranho cogitar a possibilidade de um *décimo primeiro mandamento: O genocídio cultural*.

Já o nacionalismo é outra forma de *medicação* muito utilizada pelo sacerdote ascético, utilizando-se de *entorpecentes da alma*, tais como: negação de si, autossacrifício, vontade de verdade, *sentido de vida*, dentre outros causadores de ressentimento. No nacionalismo, assim como na religião, gera-se uma massa manipulável ao bel-prazer do asceta e, desta forma, não só mais na esfera religiosa, mas também na cultura os moralistas encontram apoio, definindo inimigos e aliados, etnia boa ou ruim, sempre com fórmulas de ódio para fortalecer aquilo em que acreditam, como vemos a seguir:

<sup>21</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 197 – pp. 83 - 84.

<sup>22</sup> GENNARI, 2008 – p. 27.

Não deve surpreender, quando no espírito de um povo que sofre, que quer sofrer de febre nacionalista e ambição política, passam nuvens e perturbações várias, pequenos acessos de imbecilização: entre os alemães de hoje, num momento a imbecilidade antifrancesa, noutro a antijudaica, logo a antipolonesa, logo a cristã-romântica, ora a wagneriana, ora a teutônica, ou a prussiana (vejam-se esses pobres historiadores, esses Treitschke e Sybel, com umas cabeças bem amarradas), ou como quer que se chamem esses breves enevoamentos do espírito e da consciência alemães.<sup>23</sup>

No mesmo ritmo dança o Brasil; assim como na citação acima, aqui também temos nosso “antis”: os antinordestinos, os antiargentinos, antibolivianos, antilatino-americanos, ou melhor, contrários tudo àquilo que não é europeu, que não faz parte do *velho mundo, da matriz*; somos “anti-nós-mesmos” já que somos frustrados pelas condições impostas pelo padrão europeu de civilidade; somos subdesenvolvidos. Quando não somos “antis” ao que é contrário à Europa, nos tornamos “antis” ao que é a favor da Europa, como uma tentativa de *identidade*: temos o antiamericanismo (estadunidense), o antieuropeísmo ou o repúdio por tudo o que representa a Europa e o Ocidente (EUA); porém, em nada se difere daquele que enaltece os padrões europeus em detrimentos de outras culturas, pois reproduzem o ódio com a mesma força que seus contrários, até mesmo porque a diferença aí se dá na máscara que irá usar, pois em ambos os casos o que impera é uma moral, cristã, que tem como base *a vontade de verdade*.

A Europa movida por este combustível, o nacionalismo, lançou-se ao mais profundo terror proporcionado até hoje pelo homem – graças também à tecnologia existente –, com dois episódios conhecidos como Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esta *estupidez europeia*, o nacionalismo, tem uma proposta interessante de massificação quando ela dá aos seus subordinados um sentimento de *raça*; não raça no sentido étnico, mas sim no sentido nacionalista, ou seja, o alemão ou o brasileiro. E por mais que o brasileiro seja pertencente a uma nação extremamente miscigenada, o alemão, como exemplo do europeu, também não é uma *raça pura*, como queriam os nazistas, o partido nacionalista da Alemanha.

Nietzsche nos mostra o seguinte:

A profunda, gélida desconfiança que o alemão desperta quando alcança o poder, agora novamente – é uma ressonância daquele horror inextinguível com que durante séculos a Europa contemplou a fúria da besta loura germânica (embora mal exista uma relação conceitual, menos ainda sanguínea, entre os antigos germanos e nós, alemães).<sup>24</sup> < Ele diz também:

<sup>23</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 251 – p. 142.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 11, Primeira dissertação: “Bom e Mau”, “Bom e Ruim” – p. 30.



> Mas os judeus são, sem qualquer dúvida, a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que atualmente vive na Europa.<sup>25</sup>

A ideia de nação perpassa sob os olhares atentos da cultura, tais como: os costumes, a moral e o cotidiano, ou seja, aquilo que caracteriza e homogeneiza um povo; estes elementos são ideais para que o *asceta* consiga conduzir a massa e, assim, dar sentido a ela.

Costumes e moral. – Ser moral, morigerado, ético, significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida. Se alguém se sujeita a ela com dificuldade ou com prazer é indiferente, bastando que o faça. (...). Nisso não importa saber como surgiu a tradição, de todo o modo ela fez sem consideração pelo bem o mal, ou por algum imperativo categórico imanente, mas antes de tudo a fim de conservar uma comunidade, um povo; cada hábito supersticioso, surgido a partir de um acaso erroneamente interpretado, determina uma tradição que é moral seguir.<sup>26</sup>

Deste modo, o nacionalismo nos dá uma *identidade de caráter*, pois são as condutas impostas pela nação – que é o conjunto das comunidades – que habitam a mesma região em conformidade com uma lei maior que os une e guia, superando o regionalismo e moldando o caráter individual e regional num caráter nacional, que será característica de um povo, como quando um brasileiro vai para fora do país e lá seu caráter não é julgado pela região brasileira em que nasceu, como nordeste ou sudeste, mas sim pela nação a qual pertence, o hábito geral dela, o que dela o faz ser o que ele é e o que é definido pela comunidade para poder se enxergar como *um só*; e neste *um só* está a negação de si, que inconscientemente nos dá como raça, como exclusivo, e gera aquela diferença com a qual uma nação encara a outra e que pode chegar à extrema violência.

O terceiro e último *pilar* que irei tratar – brevemente, conforme mencionei mais acima – é o da ciência, em especial o positivismo, que propõe um esquema linear de desenvolvimento do pensamento humano, como quando define o homem em três momentos: Religião, Metafísica e Ciência.

A ciência não consegue romper com a vontade de verdade que é fundamental para o asceticismo religioso e que de forma indireta conduz o nacionalismo, assim nos mostra Nietzsche: “A verdade é precisamente o oposto do que se afirma: a ciência hoje não tem absolutamente nenhuma fé em si, e tampouco um ideal acima de si – e onde é ainda paixão,

<sup>25</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 251 – p. 143.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* – 2005, seção 96 – pp. 67 - 68.

amor, ardor, sofrer, não é o oposto desse ideal ascético, mas antes a sua forma mais recente e mais nobre”.<sup>27</sup>

...continuando com o filósofo:

Esses negadores e singulares de hoje, esses irreduzíveis em uma coisa, na exigência de asseio intelectual, esses duros, severos, abstinentes, heroicos espíritos que constituem a honra do nosso tempo, todos esses pálidos ateístas, anticristãos, imoralistas, niilistas, esse céticos, eféticos, hécticos do espírito (todos sem exceção, de um modo ou de outro), esse últimos idealistas do conhecimento, únicos nos quais habita e está hoje encarnada a consciência intelectual – eles se creem tão afastados quanto possível do ideal ascético, esses ‘espíritos livres, muito livres’: e, no entanto, eu aqui lhes revelo o que eles próprios não conseguem ver – pois estão demasiado próximos a si mesmos: esse ideal é também o seu ideal, eles mesmos o representam hoje, ninguém mais talvez, eles mesmos são o rebento mais espiritualizado desse ideal, sua mais avançada falange de guerreiros e batedores, sua mais insidiosa, delicada e inapreensível forma de sedução – se jamais fui um decifrador de enigmas, quero sê-lo com esta afirmação!... Esses estão longe de serem espíritos livres: eles creem ainda na verdade...<sup>28</sup>

A ciência bem que tentou *superar* a religião, mas caiu no mesmo erro - *a vontade de verdade*; o mesmo extremismo do martelo religioso ou nacionalista se encontra na ciência, ou seja, *a vontade de verdade*, a necessidade de sentido, de um condutor para a sua manifestação, de uma verdade a se seguir ou a se descobrir; melhor dizendo, ela, a ciência, se desenvolve num terreno já com pré-condições, com ideais morais estabelecidos à pesquisa; e Nietzsche nos diz:

(...) Para isso, a ciência está longe de assentar firmemente sobre si mesma, ela antes requer, em todo sentido, um ideal de valor, um poder criador de valores, a cujo serviço ela possa acreditar em si mesma – ela mesma jamais cria valores. Sua relação com o ideal ascético não é absolutamente antagonística em si, ela antes representa, no essencial, a força propulsora na configuração interna deste. (...) Também do ponto de vista fisiológico a ciência pisa no mesmo chão que o ideal ascético: um certo empobrecimento da vida é o pressuposto, em um caso como no outro – as emoções tornadas frias, o ritmo tornado lento, a dialética no lugar do instinto, a seriedade impressa nos rostos e nos gestos. (...) Muito bem! Não seria este o caminho reto – para o velho ideal?... Toda ciência (...), toda ciência, a natural tanto como a inatural – assim chamo a autocrítica do conhecimento –, propõe-se hoje dissuadir o homem do apreço que até agora teve por si, como se este fosse tão somente uma extravagante presunção; poder-se-ia mesmo dizer que ela encontra seu orgulho, sua áspera forma de ataraxia estóica, em manter no

<sup>27</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 23, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – p. 127.

<sup>28</sup> Idem – seção 24, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – pp. 128 - 129.

homem esse autodesprezo penosamente conquistado, como seu último e melhor título ao apreço.<sup>29</sup>

Assim concluo este primeiro capítulo, dando ênfase no ideal ascético e em seu funcionamento; desta forma, partindo dele, irei abordar no segundo capítulo a *moral escrava* ou *moral do ressentimento*. Os *três pilares* que retirei do texto de Nietzsche foram aqui usados para melhor demonstrar o funcionamento dos mecanismos que os ascetas utilizam em seus processos de domesticação, massificação, e de como estes meios são eficazes, latentes e atuais em nossa formação cultural.

---

<sup>29</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 25, Terceira dissertação: O que significam os ideais ascéticos? – pp. 131 - 133.

## Capítulo 2

- **A moral escrava ou moral do ressentimento.**

Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração, como para o Senhor, e não para os homens.<sup>30</sup>

A moral escrava ou moral do ressentimento é aquela que tem como elementos a negação de si, o autodesprezo, a vontade de verdade; é a moral dos fracos, daqueles que buscam em outrem aquilo que deveriam buscar em si, como, por exemplo, a autoconfiança – a ‘autoconfiança’ nesta moral escrava só pode ser adquirida a partir de um elemento superior, como nos exemplos da religião, nacionalismo ou ciência, que nos dão os sentidos, uma vontade de verdade, necessários para que a partir de seus ideais ascéticos gere-se uma confiança massificada entendida como sua, individual, ou seja, dá a sensação de uma confiança em si mesmo, autoconfiança. Esta moral que sufoca a vontade de poder, o que é natural – a natureza humana, o animal –, se valoriza no ressentimento, no que é antinatural, no que domestica, como nos mostra o filósofo em:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante **Sim a si mesma**, já de início a moral escrava diz **Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’** – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este **necessário** dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.<sup>31</sup>

Os valores, como ‘bom e ruim’ e ‘bom e mau’, na moral escrava, tem sua base numa vontade de verdade que a massa recebe do ideal que a molda, sendo estes valores tidos na moral do rebanho, que é antinatural, domesticadora; eles, os valores – como ‘bom e ruim’, ‘bom e mau’ –, portanto, são para que os fracos possam sobreviver e desta forma farão da fraqueza uma virtude, algo a ser contemplado e buscado; na moral escrava a força é

---

<sup>30</sup> Bíblia, Colossenses 3:23.

<sup>31</sup> Idem, Primeira dissertação: “Bom e mau”, “bom e ruim” – seção 10 – p. 26.

renunciada e vista como má, como algo que ofende, já que, como base, a moral escrava tem aquele que se renuncia, que se nega em prol do Deus, da nação ou da ciência.

(...) Se os oprimidos, pisoteados, ultrajados exortam uns aos outros, dizendo, com a vingativa astúcia da impotência: ‘sejamos outra coisa que não os maus, sejamos bons! E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra como nós, que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos’ – isto não significa – ouvido friamente e sem prevenção – nada mais que: ‘nós, fracos, somos realmente fracos; convém que não façamos nada para o qual não somos fortes o bastante’; mas esta seca constatação, esta prudência primaríssima, que até os insetos possuem – os quais se fazem de mortos para não agir ‘demais’, em caso de grande perigo –, graças ao falseamento e à mentira para si mesmo – próprios da impotência –, tomou a roupagem pomposa da virtude que cala, renuncia, espera, como se a fraqueza mesma dos fracos – isto é, seu ser, sua atividade, toda a inevitável, irremovível realidade – fosse um empreendimento voluntário, algo desejado, escolhido, um feito, um mérito. Por um instinto de autoconservação, de autoafirmação, no qual cada mentira costuma purificar-se, essa espécie de homem necessita crer no ‘sujeito’ indiferente e livre para escolher.<sup>32</sup>

Logo esta moral conduzirá rebanhos à fraqueza, esmagando assim a força onde quer que ela esteja e se manifeste, nem que para isto seja necessário o extermínio de culturas inteiras que se recusam a se adaptarem e submeterem-se a esta forma de pensar, agir e enxergar o mundo; pois a moral do ressentimento dá a liberdade de escolher entre a força e a fraqueza; claro que esta liberdade é assistida por um terrorismo psicológico, ora, ou se cumpre as vontades que esta moral escrava determina – fazer da fraqueza uma excelência – ou sua força o conduzirá a sua ruína diante das forças que regem a moral escrava.

(...) O sujeito (ou, falando de modo mais popular, a alma) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a Terra, talvez por haver possibilitado à grande maioria dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda a espécie, enganar a si mesmos com a sublime falácia de interpretar fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como mérito.<sup>33</sup>

A moral do rebanho – sendo ela nesta cultura ocidental conducente da valoração moral do que é ‘bom e ruim’, ‘bom e mau’ – direciona também os sentimentos de culpa, ‘má consciência’, como nos mostra o texto:

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 13, Primeira dissertação: “Bom e Mau”, “Bom e Ruim” – pp. 33 - 34.

<sup>33</sup> *Ibidem* – p. 34.

(...) Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, corroe, espicou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem ‘amansar’, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata – esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se inventor da “má consciência”.<sup>34</sup>

Ocorre que na moral escrava gera-se uma consciência nos indivíduos com peso de rebanho, ou seja, esta é uma consciência que dissemina um *instinto de obediência*, um adequar-se ao rebanho – desta forma, sua culpa, sua ‘má consciência’ se dará graças ao julgo da grei, tendo a vontade de verdade como o mais tenaz sentimento na alma do homem.

Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens (clãs, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas), e sempre muitos que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram – considerando, portanto, que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercitada e cultivada entre os homens, é justo supor que, via de regra, é agora inata em cada uma a necessidade de obedecer, como uma espécie de consciência formal que diz: ‘você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo’, em suma, ‘você deve’. (...) Se imaginarmos esse instinto levado à aberração, acabarão por faltar os que mandam e são independentes; ou sofrerão intimamente de má consciência e precisarão antes de tudo se iludir, para poder mandar, isto é, acreditar que também eles apenas obedecem. Essa situação existe realmente na Europa de hoje: eu a denomino a hipocrisia moral dos que mandam. Não sabem se defender de sua má consciência, a não ser posando de executores de ordens mais antigas ou mais elevadas (dos ancestrais, da Constituição, do direito, das leis ou inclusive de Deus), ou tomando emprestado máximas de rebanho ao modo de pensar do rebanho, aparecendo como “primeiros servidores de seu povo” ou “instrumentos do bem comum”. (...).<sup>35</sup>

E sendo assim, a consciência – que pode ser castigada e julgada como boa ou má consciência – se dá sob uma forma de coerção natural da cultura à qual se pertence, como nos mostra o filósofo em:

(...) Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos (todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldades) – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica. Em determinado sentido isso inclui todo o asceticismo: algumas ideias devem se tornar

<sup>34</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 16, Segunda dissertação: “Culpa”, “Má-consciência” e coisas afins – p. 68.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 199 – pp. 85 - 86.

indelévels, onipresentes, inesquecíveis, ‘fixas’, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas ‘ideias fixas’ – e os procedimentos e modos de vida ascéticos são meios para livrar tais ideias da concorrência de todas as demais, para fazê-las ‘inesquecíveis’. Quanto pior ‘de memória’ a humanidade, tanto mais terrível o aspecto de seus costumes; em especial a dureza das leis penais nos dá uma medida do esforço que lhe custou vencer o esquecimento e manter presentes, nesses escravos momentâneos do afeto e da cobiça, algumas elementares exigências do convívio social.<sup>36</sup>

Desta forma, gera-se em nós um autopolicamento para com nossas ações, um gosto pelo vigiar, pelo punir, pelo ‘cuidar da vida alheia’ – dos que compõem a comunidade em que vivemos, algo comum de uma moral de rebanho. Numa moral controladora como esta, o *amor ao próximo* se torna *temor ao próximo*.

Enquanto a utilidade que vigora nos juízos de valor morais for apenas a utilidade do rebanho, enquanto o olhar estiver dirigido apenas à preservação da comunidade, e for tido como imoral precisamente e exclusivamente o que parece perigoso para a subsistência da comunidade; enquanto assim for não pode haver ‘moral do amor ao próximo’. (...). Tudo somado, o ‘amor ao próximo’ é sempre algo secundário, em parte convencional e arbitrário-ilusório, em relação ao temor ao próximo. Uma vez que a estrutura da sociedade se mostre estabelecida no conjunto e protegida contra perigos externos, é esse temor ao próximo que torna a criar novas perspectivas de valoração moral. Certos impulsos fortes e perigosos, como o espírito empreendedor, a temeridade, a sede de vingança, a astúcia, a rapacidade, a ânsia de domínio, que até então tinham de ser não apenas respeitados como socialmente úteis – sob nomes diversos dos mencionados, naturalmente –, mas cultivados e acentuados (porque necessitava-se constantemente deles em meio aos perigos de todo, contra os inimigos deste), são sentidos bem mais intensamente na sua periculosidade – agora lhe faltam canais de escoamento –, pouco a pouco são estigmatizados como imorais e abandonados à calúnia.<sup>37</sup>

Mesmo o rebanho sendo conduzido – como no caso do judaísmo-cristão – por uma religião que se reconhece como *amorosa*, esse amor não passa de uma manobra para que se induza a massa a uma uniformidade de pensamento, conduzindo-a à má consciência, à culpa; o que nos mostra que o amor ao próximo tão aclamado dentro desta moral do ressentimento em que hoje vivemos é apenas mais uma forma de enquadramento e descaracterização – como no exemplo da renúncia de si, negação de si em prol do outro, do sofrimento que lhe leva a se sentir, nem que seja por alguns instantes, **o próprio Cristo**. Há uma espécie de complexo de Cristo na ação altruísta, como no texto a seguir Nietzsche nos mostra:

<sup>36</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 03, Segunda dissertação: “Culpa”, “Má-consciência” e coisas afins – pp. 46 - 47.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 201 – pp. 87 - 88.

Onde atualmente foi pregada a compaixão – e, escutando-se bem, agora não se prega mais outra religião –, o psicólogo deve abrir bem os ouvidos: em meio a toda a vaidade, a todo ruído que é característico desses pregadores (como de todos os pregadores), ele poderá ouvir um áspero, queixoso, genuíno tom de autodesprezo. Este é parte do ensombrecimento e enfeamento da Europa, que há um século não faz senão crescer (e cujos primeiros sintomas vêm consignados numa refletida carta de Galiani a Madame d'Épinay): se não for mesmo a sua causa! O homem das 'ideias modernas', esse orgulhoso símio, está desmedidamente insatisfeito consigo: isto é um fato. Ele sofre, padece: mas, para sua vaidade, apenas "compadece"...<sup>38</sup>

Na verdade, é muito beneficente para quem realiza a ação desinteressada, como por exemplo, acreditar que há desinteresse na ação altruísta, uma vez que quem a faz se sente mais próximo do ideal ascético, do médico asceta e, assim como os beneficiários, o beneficente sente-se a par do instinto de obediência, mas com a diferença de que o beneficente carrega consigo um sentimento de mártir, de sacrifício, como que um complexo de Cristo, pois ali ele está no mais alto grau de submissão ao ideal ascético; assim Nietzsche define a ação desinteressada:

Agora que é tão popular o elogio do 'desinteressado', deve-se tomar consciência, não sem algum perigo, do que realmente interessa ao povo, e das coisas que preocupam de modo essencial e profundo o homem comum: incluindo os homens cultos, também os eruditos e, se não me engano de todo, talvez até mesmo os filósofos. Resulta o fato de que a maior parte daquilo que interessa e estimula naturezas superiores, gostos mais sutis e exigentes, parece totalmente 'sem interesse' para o homem médio – se porém ele nota em si uma inclinação para isso, chama-a de désintéressée e se espanta de que seja possível agir 'desinteressadamente'. Houve filósofos que souberam dar a este assombro popular um expressão sedutora e místico-supraterrena – (talvez por não conhecerem de experiência a natureza superior?) – em vez de constatar nuamente a verdade simples de que a ação 'desinteressada' é uma ação muito interessante e interessada, contanto que... 'E o amor?' – Como? Até mesmo agir por amor será 'altruísta'? Ora, seus simplórios! – 'E o elogio dos que se sacrificam?' – Mas quem verdadeiramente realizou sacrifícios, sabe que queria algo em troca e conseguiu – talvez algo de si em troca de algo de si –, que cedeu aqui para ter mais ali, para talvez ser mais ou para sentir-se como 'mais'. Mas este é um domínio de perguntas e respostas, no qual um espírito mais exigente não gosta de se deter: tanto a verdade é aqui obrigada a sufocar os bocejos quando tem de responder. Afinal ela é uma mulher: não se deve violentá-la.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Idem, seção 222 – p. 114.

<sup>39</sup> Idem, seção 220 – pp. 112 - 113.



E o mais interessante é pensar que tal postura moral, o de se sentir *humanamente miserável*, é extremamente necessária para a *realização desta cultura do rebanho*; sem ela não haveria moral do *amor ao próximo*, não haveria realizações de santidade, de negação de si, de vigilância, de *temor ao próximo*, de *complexo de Cristo*; o que nos leva a considerar de que a ação não egoísta pode vir de um ato de crueldade consigo e para com o outro.

Essa oculta violentação de si mesmo, essa crueldade de artista, esse deleite em se dar uma forma, como a uma matéria difícil, recalcitrante, sofrente, em se impor a ferro e fogo uma vontade, uma crítica, uma contradição, um desprezo, um Não, esse inquietante e horrendamente prazeroso trabalho de uma alma voluntariamente cindida, que a si mesma faz sofrer, por prazer em fazer sofrer, essa ‘má consciência’ ativa também fez afinal – já se percebe –, como verdadeiro ventre de acontecimentos ideais e imaginosos, vir à luz uma profusão de beleza e afirmação nova e surpreendente, e talvez mesmo a própria beleza... Pois o que seria ‘belo’, se a contradição não se tornasse primeiro consciente de si mesma, se antes a feiúra não houvesse dito a si mesma: ‘eu sou feia’?... Isso ao menos tornará menos enigmático o enigma de como se pôde insinuar um ideal, uma beleza, em noções contraditórias como ausência de si, abnegação, sacrifício; e uma coisa sabemos doravante, não tenho dúvida – de que espécie é, desde o início, o prazer que se sente o desinteressado, o abnegado, o que se sacrifica: este prazer vem da crueldade.<sup>40</sup>

Nos dias atuais, o Capitalismo é quem dita as regras morais e, com base naqueles três pilares que demonstrei brevemente no *capítulo 1 – O Ideal Ascético* –, o consumismo se dá como nova política de massas, ordenando as pessoas, seus gostos, como se faz com um rebanho; utilizando-se assim de fragilidades da moral escrava como: culpa, negação de si, autodesprezo e da célebre vontade de verdade, o capitalismo impõe seu ideal ascético. Ele dialoga de forma extremamente eficiente com os três pilares e se adapta a todos eles numa velocidade incrível e, desta forma, ele os une num só sentimento, por exemplo, deixa de lado toda a rixa que a ciência positivista tem com a religião; ora, é perceptível que quando o capitalismo se instala à adaptação dele a uma religião, ciência ou nação, se dá em conjunto da adequação destes para com as normas capitalistas, o que demonstra não só um poder de se encaixar junto dos pilares do ideal ascético como também o de se tornar um ideal e um ideal com o peso dos três juntos; enquanto cada ideal (nacionalista, religioso e científico) tem seus objetivos próprios e se igualam na vontade de verdade, o capitalismo vai muito além dos chiques dos outros três: ele não exclui, ele inclui.<sup>41</sup> A sua influência diante deles e seu poder

<sup>40</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 18, Segunda dissertação: “Culpa”, “Má-consciência” e coisas afins – pp. 70 - 71.

<sup>41</sup> A exclusão no sistema capitalista se dá pelos meios econômicos e não através de divergências ideológicas como nos três pilares. No capitalismo até quem possui ideias contrárias a ele está inserido, desde que gerem

de absorção faz com que hoje em dia o capitalismo seja o maior ideal ascético, logo a mais bem sucedida política cultura de massas.

O capitalismo é interessante; ao mesmo tempo em que ele exclui um grupo, ele inclui este mesmo grupo, algo paradoxal, sim, só que é dentro desta contradição que ele se realiza, realiza sua vontade de verdade; o capital dá voz aos sonhos. Como no caso das pessoas privilegiadas de melanina – os de pele preta –, sua cor, estética física e textura capilar não costumam agradar muito aos exigentes padrões estéticos europeus, então eles são excluídos, ou incluídos quando se europeízam e assim alguns afinam suas narinas, alisam seu cabelo e quando podem, até tentam o clareamento da pele; tudo isto para que possam *embelezar-se*, incluir-se aos moldes ocidentais; no entanto, os que resistem a esta escrota padronização ocidental acabam – por mais que tenham sua postura contrária e crítica à cultura ocidental – ainda assim a reproduzindo, porque o capital inclui estes que foram excluídos pela grande massa. Ele, o Capitalismo, não dispensa ninguém e destes excluídos faz-se uma nova massa – que até pode ser menor, mas é massa, uma massa de excluídos. O que acontece é que, mesmo grupos que se acham fora da lógica capitalista, mas vivem inseridos no sistema, são consumidores em potencial, geram demanda e deste modo são massificáveis, pois o mercado se adapta a qualquer consumidor, a qualquer sonho, até mesmo aos marxistas mais fervorosos; a vontade de verdade do capitalismo é uma: *o Lucro, travestido de liberdade*. Sendo o lucro, o rendimento, o ganho econômico a vontade deste novo ideal ascético, quanto mais incluídos e excluídos houver maior será o lucro, não há quirela étnica, religiosa ou nacionalista que seja capaz de excluir grupos do sistema capitalista, pois todos dão lucro, todos. Os grupos se diferenciam na casca, só que na essência o sentimento é o mesmo, o do lucro, do interesse, seja qual for a vantagem: pode ser o lucro da liderança de um partido, como o da bem aventurança de um religioso, a utilidade da caridade etc. Este sentimento do lucro foi muito bem trabalhado no capital, ele consegue massificar e propô-lo a todos; o capitalismo a partir do lucro financeiro, que por ele é tido como uma virtude, manipula – massifica – o lucro da vida pessoal, ele nos dá uma variedade de uma unidade.

*Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho: – logo, tal como entendemos as coisas, apenas uma espécie de moral humana, ao lado da qual, antes da qual, depois da qual muitas outras morais, sobretudo mais elevadas, são ou deveriam ser possíveis. Contra tal ‘possibilidade’, contra tal ‘deveriam’ essa moral se defende com todas as forças, porém: ela diz, obstinada e inexorável: ‘Eu sou a moral mesma, e nada além é moral!’ – e,*

---

lucro, e os excluídos só são pela falta do dinheiro, pois uma vez que o tenha viram consumidores em potencial, adquirem poder de compra, e assim já estão automaticamente incluídos na lógica do capital. (Nota minha)

com a ajuda de uma religião que satisfaz e adulou os mais sublimes desejos do animal de rebanho, chegou-se ao ponto de encontrarmos até mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais visível dessa moral: o movimento democrático constitui a herança do movimento cristão. Mas que o seu ritmo é demasiado vagaroso e sonolento para os mais impacientes, para os enfermos e sofredores do mencionado instinto, atestam o uivo cada vez mais raivoso, o ranger de dentes cada vez mais ostensivo dos cães anarquistas que erram hoje pelos becos da cultura europeia: aparentemente em oposição aos democratas e ideólogos da revolução pacificamente laboriosos, e mais ainda aos broncos filosofastros e fanáticos da irmandade, que se denominam socialistas e querem a ‘sociedade livre’, mas na verdade unânimes todos na radical e instintiva inimizade a toda outra forma de sociedade que não a do rebanho autônomo (...); unânimes na tenaz resistência a toda pretensão especial, a todo particular direito e privilégio (...); unânimes na desconfiança frente à justiça que pune (...); mas igualmente unânimes na religião da compaixão, na simpatia com tudo quanto vive, sente, sofre (...); todos unânimes na gritaria e na impaciência da compaixão, no ódio mortal ao sofrimento, na quase feminina incapacidade de permanecer espectador, de deixar sofrer; unânimes no involuntário ensombrecimento e abrandamento, à mercê do qual a Europa parece ameaçada por um novo budismo; unânimes na crença na moral da compaixão partilhada, como se ela fosse a moral em si, o cúmulo, o cume alcançado pelo homem, a esperança única do futuro, o conforto da vida presente, o grande resgate das culpas de outrora: – todos eles unânimes na crença da comunidade redentora, isto é, no rebanho, em “si” ...<sup>42</sup>

O homem medíocre é um ser humano moldado pelo ideal ascético para se realizar na moral escrava, e sendo ele só mais uma unidade desta interminável série de escravos, o medíocre é uma peça fundamental para o funcionamento e desenvolvimento do novo ideal, desta nova massa. Este homem mediano, de gostos impostos e aprovados pelo seu ideal, não é só um produto deste que reúne os três pilares: o capital. Esta mercancia já vem sendo produzida pelo asceticismo há muito tempo, e é este tipo de sujeito quem dá o caráter de normalidade para as massas, quem valida as ações cotidianas: partindo da sua autovigilância, da vigilância comunitária, da negação de si, do autodesprezo, da vontade de verdade, da sua verdade, do olhar condenatório, ele, *o medíocre*, consegue, a partir de sua normalidade, criar uma cultura que abafa a realidade.

Afinal de contas, todos eles querem que se dê razão à moralidade inglesa, na medida em que justamente com ela é servida melhor a humanidade, ou ‘o benefício geral’, ‘a felicidade da maioria’, não! a felicidade da Inglaterra; eles querem provar a si mesmos, com todas as forças, que aspirar à felicidade inglesa, quer dizer, a comfort [conforto] e fashion [estilo] (e, objetivo supremo, um lugar no Parlamento), é também o caminho reto para a virtude, mais ainda, que toda virtude até hoje havida no mundo consistiu precisamente em tal aspiração. Nenhum desses graves animais de rebanho,

---

<sup>42</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 202 – pp. 89 - 90.

de consciência agitada (que propõem defender a causa do egoísmo como causa do bem-estar geral), quer saber e sentir que o ‘bem-estar geral’ não é um ideal, uma meta, uma noção talvez apreensível, mas apenas um vomitório – que o que é justo para um não pode absolutamente ser justo para outro, que a exigência de uma moral para todos é nociva precisamente para os homens elevados, em suma, que existe uma hierarquia entre homem e homem, e, em consequência, entre moral e moral. São uma espécie de gente modesta e fundamentalmente medíocre, esses ingleses utilitaristas, e, como já disse: na medida em que são enfadonhos, não podemos estimar suficientemente a sua utilidade. Devem ser inclusive encorajados, como foi tentado, em alguma medida, com os versos seguintes:

**Salve, bravos carregadores,  
‘Mais longo o trabalho, maiores favores’,  
Sem ânimo e vontade de sorrir,  
Sempre duros de cabeça e braço,  
De originalidade nenhum traço,  
Sans génie et sans esprit!<sup>43</sup>**

Hoje aqui nas Américas temos algo similar a esta moralidade inglesa, é a moralidade daquela que foi a mais célebre colônia inglesa, os Estados Unidos da América. Esta ex-colônia da Inglaterra reproduz, a seu modo, uma moralidade inglesa – neste caso uma moralidade estadunidense ou como eles gostam de serem chamados: americanos; uma moralidade americana. Em meados do século XX temos em todo o continente americano a invasão de uma nova verdade, de outra proposta de massificação: o American Way of Life. Este modelo de vida baseado no molde estadunidense se dá em contraposição ao arquétipo socialista que havia sido implantado em boa parte do leste europeu; a proposta é de uma moral que lhe permite ser livre: livre para o consumo, para ascender de classe social a partir de seus esforços, para ter acessos aos sonhos – *consumismo*. Usando a desculpa da *democracia travestida de liberdade*, esta moral se dá como libertadora da opressão, da política e moral de massas, que valoriza a liberdade individual... Será? Acredito que não...

Entendo, a partir de Nietzsche, que essa moral americana é tão escravista, massificadora, quanto às de cunho socialista ou nacionalista – ex.: soviética ou nazista. Ora, este modo de vida americano, padrão a ser seguido – que devido à guerra fria foi introduzido a todos os amantes da liberdade, da democracia –, tem o intuito de massificação através da democracia, e faz com que ela seja base de uma padronização que tem como máscara a liberdade; e por isso eles bradam: liberdade, liberdade! Vamos levar nossa democracia, levar a liberdade por onde passarmos! Desta forma, sob o pretexto da liberdade democrática, os estadunidenses exigiram uma adequação cultural e econômica que foi realizada pela ditadura

---

<sup>43</sup> Idem, seção 228 – pp. 120 - 121.

no Brasil, e esta é uma das inúmeras ações intervencionistas realizadas pelos nossos queridos paladinos da liberdade, e que demonstra como em nada esta moral americana se difere daqueles com os quais tanto combatem, é só *'mais um do mesmo'*. O que nos mostra como o homem medíocre se desenvolve com todo subsídio necessário; ele se formará a partir de máscaras que não lhe permitirão mais que ele seja sem elas. Ora, o escravo só pode gritar pela sua liberdade mediante uma liderança que conceitua para ele aquilo que é liberdade, ou seja, nesta moral, ser livre é ser uma variedade de uma unidade moral, é ser normal, é ser medíocre, é ser aquele que se enquadra aos padrões vigentes; a normalidade não só leva à liberdade como também faz quem é normal caçar o ser livre, ela quer aniquilar tudo aquilo que seja natural, animal, toda vontade de poder em prol de sua vontade de verdade, pois eles consideram grilhões a vida, o amor, o poder; e consideram tudo o que é demasiado humano como liberdade, como no caso da negação de si, do autoflagelo, da liberdade de ser fraco, da domesticação, da castração de toda a força natural, animal, isto eles consideram liberdade; se sentem livres porque seu sistema os travestiu assim mas, na realidade, a diferença destes medíocres da democracia para os medíocres socialistas ou nazistas é que no primeiro caso eles se assemelham a um cão que está fora da corrente, porém sua liberdade só vai até os muros; já no segundo caso, o cão está acorrentado. E o pouco mais de horizonte que um tem sobre o outro já faz com que o medíocre ignore sua realidade e crie uma cultura da soberba, onde o outro se torna alvo de repúdio e deboche; em ambos os casos os cães só podem ir além dos muros quando os mesmos são levados por uma coleira, por um guia, alguém que lhes direcione a uma verdade, a uma realidade. Nenhum deles é um cão livre, que tem por si a perspectiva além dos muros, aquele que sai de casa e volta quando sentir vontade, aquele que não tem dono, mas sim companheiro. Sendo assim, o medíocre se encaixa perfeitamente neste sistema demasiado humano, histérico, cheio de dores, de necessidade de dor, de necessidade de atenção.

(...) Atingiu-se o ponto inquietante e perigoso em que a vida maior, mais múltipla e mais abrangente vive além da velha moral; o 'indivíduo' está aí, obrigado a uma legislação própria, a artes e astúcias próprias da autopreservação, autoelevação, autorredenção. Novos 'para que', novo 'com que', mais nenhuma fórmula em comum, mal-entendido e menosprezo em aliança, declínio, degradação e sublimes desejos horrivelmente ligados, o gênio da raça a transbordar de toda cornucópia boa e ruim, coincidência fatal de outono e primavera, pena de mais atrativos e véus, próprios da nova, ainda inesgotada, incansada corrupção. De novo se apresenta o perigo, o pai da moral, o grande perigo, desta vez situado no indivíduo, no próximo e amigo, nas ruas, no próprio filho, no próprio coração, no que é mais próprio e mais secreto no voto e na vontade: o que haverão de pregar os filósofos da

moral que a essa altura surgem no horizonte? Eles descobrem, esses observadores e ociosos perspicazes, que rapidamente se chega ao fim, que tudo à sua volta é corrompido e corrompe, que nada fica de pé até amanhã, com exceção de uma espécie de homens, os incuravelmente medíocres. Apenas os medíocres têm perspectiva de prosseguir, procriar – eles são os homens do futuro, os únicos sobreviventes; ‘sejam como eles! tornem-se medíocres!’, diz a única moral que agora tem sentido, que ainda encontra ouvidos. – Mas é difícil de se pregar, essa moral da mediocridade! – ela não pode jamais admitir o que é e o que quer! tem de falar de medida, dignidade, dever e amor ao próximo – terá necessidade de ocultar a ironia!<sup>44</sup>

Outro grupo fundamental para o fortalecimento dessa moral escrava são os eruditos, pois eles, ao contrário dos medíocres, representam o pensamento refinado desta moral; os eruditos são como uma espécie de instrumento nas mãos de nossos líderes. Homens voltados ao conhecimento ou à ciência, os eruditos podem ser tidos como legitimadores desta cultura da dor, pois válida, por meio de suas verdades científicas, nosso cotidiano.

O pior e mais perigoso de que é capaz um erudito vem do instinto de mediocridade peculiar à sua espécie: daquele jesuitismo da mediocridade, que trabalha instintivamente na destruição da pessoa invulgar e busca partir ou – melhor ainda – afrouxar todo arco teso. Afrouxar com consideração, com mão solícita, naturalmente – afrouxar com compaixão que inspira confiança: eis a verdadeira arte do jesuitismo, que sempre soube apresentar-se como a religião da compaixão.<sup>45</sup>

Por exemplo, a nossa alimentação que hoje é à base de veneno – tudo o que comemos e bebemos está intoxicado, salvo aqueles que produzem sua própria comida com algumas comunidades ou agricultores alternativos –, seja este deletério dos agrotóxicos, dos transgênicos, hormônios, etc., são todos justificados pela ciência como necessário para que seja possível uma produção em massa de alimentos para que todas as pessoas do planeta sejam contempladas, mas o que eles escondem é que na verdade o problema da fome não está num emaranhar da produção de alimentos e sim, por exemplo, na sua má distribuição, logo, o argumento deles é falso, pois o interesse na verdade é de que o capital garanta que seus provedores, como as corporações, possam vender seus produtos, como os defensivos agrícolas, sem que haja interferência, e assim também faz com que as pessoas acreditem na necessidade de uma dependência das suas ‘peçonhas salutares’. Uma das coisas mais pitorescas que tenho observado é que sendo o câncer um dos males do século, parece que subitamente todos são tomados por uma ignorância assombrosa a ponto de que ninguém mais

<sup>44</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 262 – pp. 161 - 162.

<sup>45</sup> Idem, seção 206 – p. 97.

entenda a causa de tal enfermidade, onde está a fonte deste transtorno e, quando se consegue identificar o problema, a culpa sempre está no indivíduo... Como? No indivíduo? É hilário, mas é verdade, acusam o indivíduo, e ainda culpam a alimentação do escravo como se ele fosse responsável pela comida que ingere, culpam seus hábitos, como se os hábitos fossem dele. Outra bizarrice do século que é fortalecido por esta ciência positivista e capitalista, é a questão da vaidade estética; só vou dar uma pincelada nela: é terrível saber que jovens com 16 ou 17 anos se submetem a cirurgias plásticas estéticas por pura vaidade, para se sentirem aceitos aos ‘olhos alheios’, para que possam se aceitar, para aliviarem dores como a depressão e aumentarem a autoestima; são todos deteriorados mentalmente por esta moral escrava, pois ela submete o escravo sempre aos seus ideais que são amparados pelo cotidiano, por exemplo, a mídia televisiva que invade os lares, mentes e corações das pessoas, que dita hábitos comportamentais como os modos de se vestir, que é salvaguardado pela mãe, amigos, e todos que nesta cultura estão envolvidos de corpo e alma, aqueles que para ela entregaram sua liberdade.

O vaidoso se alegra de cada opinião boa que houve sobre si (independente de qualquer ponto de vista de utilidade, e também não considerando se é falsa ou verdadeira), assim como sofre de cada opinião ruim: pois ele se submete a ambas, ele se sente submetido a elas, por esse antigo instinto de submissão que nele irrompe. – É o ‘escravo’ no sangue do vaidoso, um vestígio da manha do escravo – e quanto de ‘escravo’ ainda resta hoje na mulher, por exemplo! –, que procurava sedutoramente obter boas opiniões sobre si; é também o escravo que em seguida se prosterna perante essas opiniões, como se jamais as tivesse provocado. – Seja dito mais uma vez: a vaidade é um atavismo.<sup>46</sup>

E tudo isto com o aval do cientista, do médico, que prefere o dinheiro, o lucro, a sua dignidade; ele engana, manipula, utilizando-se dos padrões de beleza do cotidiano e da dor que é a característica desta cultura, como nos mostra o filósofo:

(A curva da sensibilidade humana à dor parece de fato cair extraordinariamente, e quase de repente, assim que deixamos para trás os primeiros 10 mil ou 10 milhões de indivíduos da hipercultura; quanto a mim, não tenho dúvida de que, comparados com uma noite de dor de uma única mulher culta histérica, os sofrimentos de todos os animais até agora interrogados com o bisturi, para a obtenção de respostas científicas, simplesmente nada significam). Talvez possamos admitir a possibilidade de que o prazer na crueldade não esteja realmente extinto: apenas necessitaria, pelo fato de agora doer mais a dor, de alguma sublimação e sutilização, isto é, deveria aparecer transposto para o plano imaginativo e psíquico, e ornado

---

<sup>46</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 261 – p. 160.

de nomes tão inofensivos que não despertassem suspeita nem mesmo na mais delicada e hipócrita consciência (a ‘compaixão trágica’ é um desses nomes; um outro é ‘les nostalgies de la croix’ [as nostalgias da cruz]).<sup>47</sup>

Desta maneira, os eruditos impõem suas verdades científicas, pois ela é validada no dia-a-dia pela massa e com o apoio dos mais variados meios de comunicação que neste século encontramos; à mercê dos que dominam hoje o capitalismo, os eruditos acreditam piamente que estão a contribuir para o desenvolvimento civilizatório; logo, são eles os moralistas, os acadêmicos, os cientistas ou todos aqueles voltados para o conhecimento, mas não o conhecer do olhar da perspectiva que dialoga com seu meio, com aquilo que se conhece; e sim, ser como um depósito, onde o que se conhece é despejado sem que haja um diálogo com o objeto que foi conhecido, ele é dado e engolido, o conhecimento é dado sob a forma da verdade e não da perspectiva.

Observemos com mais vagar: o que é um homem da ciência? Primeiramente um tipo de homem sem nobreza, isto é, que não domina, não tem autoridade nem autossuficiência: ele possui laboriosidade, paciente compreensão de seu posto e lugar, uniformidade e moderação nas habilidades e exigências, tem o instinto para perceber seus iguais e o que eles necessitam – (...) O erudito também possui, como é de esperar, as doenças e os defeitos de uma espécie não nobre: é pleno de inveja mesquinha e tem olhos de lince para o que existe de baixo nas naturezas cuja a altura não pode alcançar. É confiante, mas só como alguém que se deixa levar, e não fluir como uma corrente; e precisamente face ao homem do fluxo intenso ele fica mais frio e reservado – seu olho é como um lago liso e relutante, no qual já não ondula um só encanto ou simpatia.<sup>48</sup> (...) O homem objetivo, que já não amaldiçoa e xinga como o pessimista, o erudito ideal, no qual o instinto científico vem a florir por inteiro, após mil malogros totais e parciais, é seguramente um dos instrumentos mais preciosos que existem: mas isto nas mãos de alguém mais poderoso. Ele é apenas um instrumento; digamos que é um espelho – não uma ‘finalidade em si’. O homem objetivo é de fato um espelho: habituado a submeter-se ao que quer ser conhecido, sem outro prazer que o dado pelo conhecer, ‘espelhar’ – ele espera que algo venha e se estende com delicadeza, para que nem mesmo os passos leves e o deslizar dos seres espectrais se percam sobre a sua pele. (...) “Ele perdeu a seriedade para consigo, e também o tempo: ele é sereno, não por falta de tormentos, mas por falta de dedos pra lidar com seus tormentos.” (...) “Tendo-o confundido tanto tempo com o filósofo, com o déspota e disciplinador cesáreo da cultura, honraram-no em demasia e não viram nele o essencial – ele é um instrumento, algo como um escravo, certamente a mais sublime espécie de escravo, mas nada em si – presque rien! O homem objetivo é um instrumento, um precioso, facilmente vulnerável e embaçável instrumento de medição e jogo de espelhos, que devemos poupar e respeitar; mas ele não é uma meta, não é uma conclusão e elevação, um homem complementar em que se justifique a existência restante, um término – e menos ainda um

<sup>47</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 07, Segunda dissertação: “Culpa”, “Má-consciência” e coisas afins – pp. 52 - 53.

<sup>48</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 206 – pp. 96 - 97.



começo, fecundação e causa primeira, nada de sólido, poderoso, firme em si mesmo, que aspire a dominar: antes um delicado, inflado, fino e flexível recipiente de formas, que deve esperar por uma substância e conteúdo qualquer, para então se ‘configurar’ de acordo – geralmente um homem sem conteúdo e substância, um homem ‘sem si’. Em consequência nada para mulheres também, in parenthesi.<sup>49</sup>

O que pode levar-nos a entender os eruditos da seguinte maneira: são como uma espécie de *capitão do mato*, sempre a observar o rebanho e atento a todos os escravos, e quando necessário, *faz uso* de sua erudição como instrumento para impedir a *fuga do escravo*, assim como agiam os capitães do mato na época do Brasil colônia: eles sabiam onde o escravo estava, tinham a *habilidade* de rastrear os escravos porque eles também *eram escravos*; foram escravos de chibata e passaram a escravos da moral; não havia melhor caçador de escravo fujão como os *ex-escravos* capitães do mato, pois assim é o erudito, um arrebanhador, um *ex-medíocre*, é o instrumento perfeito para convencer o rebanho a se lambuzar da cultura do ressentimento, da moral escrava. E sua postura crítica diante da moral do ressentimento é de no máximo realizar *reformas morais* ou *culturais* para que se diminuam os sintomas das doenças, frutos desta moral escrava, promovidas pelas aberrações diárias com qual convivemos, porém, não chega à causa da doença; mas só podem ser no máximo *reformistas* da cultura, da moral, jamais serão *rompedores*, ou terão *espírito livre*; eles são *traídos pelo seu próprio inconsciente*, pela *sua* cultura, pela *sua* vontade de verdade.

Quando penso em nossas ‘virtudes’ – como elas se manifestam nesta cultura – não consigo dissociá-las de elementos como ‘culpa’ ou ‘má consciência’, pois *eles* são criadores de modelos – baseados na moral escrava – comportamentais que impõem ao escravo um modo de agir, assim como a um cão adestrado e, neste ‘como se deve agir’, a ideia da culpa, da má consciência; se sobrepõe a virtude no íntimo do agente, pois a virtude será realizada em detrimento da culpa; não é a virtude por ela mesma, por boa consciência, mas sim para que o escravo *se previna* do sentimento de culpa que é extremamente cultivado nesta moral do ressentimento; é fazer o homem do ressentimento estar sempre naquela sensação de dívida, seja com sua religião, nação, ciência ou por aquele que une os 3 num só movimento, o Capitalismo. Assim, o sentimento de culpa, de dívida, força o escravo a *buscar ações virtuosas*, e estas não serão vividas plenamente, mas sim como *entorpecente*.

(...) Num homem feito e destinado ao comando, por exemplo, abnegação e retraimento modesto não seriam virtude, mas um desperdício de virtude: assim me quer parecer. (...). É preciso forçar as morais a inclinar-se antes de

---

<sup>49</sup> Idem, seção 207 – pp. 97 - 99.

tudo frente à hierarquia, é preciso lhe lançar na cara sua presunção, até que conjuntamente se deem conta de que é imoral dizer: ‘o que é certo para um é certo para outro’.<sup>50</sup> (...) Por fim, se considere que mesmo o homem do conhecimento, ao obrigar seu espírito a conhecer, contra o pendor do espírito e também, com frequência, os desejos de seu coração – isto é, a dizer Não, onde ele gostaria de aprovar, amar, adorar –, atua como um artista e transfigurador da crueldade; tomar as coisas de modo radical e profundo já é uma violação, um querer – magoar a vontade fundamental do espírito, que incessantemente busca a aparência e a superfície – em todo querer-conhecer já existe uma gota de crueldade.<sup>51</sup>

A má consciência então se tornará responsável por mediar *a ação virtuosa*, pois *a ação virtuosa se dá em oposição* ao homem natural; ela faz da liberdade, da vontade de poder, a má consciência. Para a moral escrava, a ‘boa consciência’ é aquela do humano domesticado, da moral não egoísta, da negação de si, do pensamento de turbas, da padronização, pois assim quer a moral escrava; ela não suporta o doce perfume da vida, suas narinas acostumadas ao mau cheiro, a tudo que putrefaz, não consegue suportar o agradável odor da vontade de poder, mas não porque lhes causa enjoo, e sim, pelo fato de que a moral do ressentimento se assemelha à alimentação dos abutres, que se alimentam de carniça, logo, aquilo que é podre é o que sacia sua fome, é o *cheiro de vida*.

(...) Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência, resultado de uma declaração de guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava. Acrescentemos, de imediato, que com uma alma animal voltada contra si mesma, algo tão novo surgia na Terra, tão inaudito, tão profundo, enigmático, pleno de contradição e de futuro, que o aspecto da Terra se alterou substancialmente.<sup>52</sup>

O tempo também é *outro* nesta moral escrava, ele nunca é suficiente, estamos sempre *compromissados*, só que não compromissos nossos: *não temos tempo mais para nós mesmos*. O tempo agora vale dinheiro, como na célebre expressão estadunidense ‘time is money’ – antes do capital, o ideal ascético destinava o tempo para a religião, o nacionalismo ou para ciência positivista; logo, há muito *o tempo não é tempo*, e hoje ele é só mais uma parte do grande processo de produção capitalista, o homem não pode mais vivê-lo; o tempo deixou de ser pedagógico, deixou de ser poético; agora ele é seco, chapado como uma fotografia

<sup>50</sup> Idem, seção 221 – pp. 113 - 114.

<sup>51</sup> Idem, seção 229 – p. 122.

<sup>52</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 16, Segunda dissertação: “Culpa”, “Má-consciência” e coisas afins – p. 68.

comercial, é industrial, é *compromissado*; ele é desperdiçado e com ele desperdiça-se nossa humanidade, o tempo inspirador – de Pablo Picasso, Mozart, Bob Marley, Jimi Hendrix, Clarice Lispector, Machado de Assis, entre tantos outros que tiveram com o tempo uma relação de amor, de amizade, de vontade de poder – está cada vez mais escasso nos dias atuais; o tempo hoje não é mais para estes homens subjetivos, agora o tempo está voltado para os homens ativos, como os empresários; a produção artística, por exemplo, hoje é com vista no lucro, no sucesso financeiro, ou seja, a moral escrava transformou o tempo hoje em mercadoria, mas ele também já foi vigília, combatente e cobaia, tudo conforme o ideal ascético que o envolvia. Porém, antes de todo este império asceta, o tempo foi homérico, *o tempo foi o tempo*, foi vivido e contemplado, foi pré- socrático.

Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a individual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. – A infelicidade dos homens ativos é que sua atividade é quase sempre um pouco irracional. Não se pode perguntar ao banqueiro acumulador de dinheiro, por exemplo, pelo objetivo de sua atividade incessante: ela é irracional. Os homens ativos rolam tal como pedra, conforme a estupidez da mecânica. – Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito.<sup>53</sup>

É assim que a moral escrava nos ensina, esta é nossa educação provinda do ideal ascético:

(...) Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que o ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio – tudo isto significa, ousemos compreendê-lo, uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo vontade!... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...<sup>54</sup>

<sup>53</sup> NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* – 2005, seção 283 – p. 176.

<sup>54</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 28, Terceira dissertação: “O que significam os ideais ascéticos?” – pp. 139 - 140.

### Capítulo 3

- **A moral Nobre.**

O reparo, a travessura, a sorridente suspeita, a zombaria são sinais de saúde: tudo absoluto pertence à patologia.<sup>55</sup>

A moral nobre é aquela que preza por elementos como: a vida, o amor, a natureza, a animalidade, a perspectiva e a vontade de poder. Esta moral – por ter ela um caráter natural – não faz cerimônia para que haja, por exemplo, a tão aclamada *antinatural igualdade para todos*, que é hipocritamente fomentada em nossa cultura através da moral escrava, a *antinaturalidade da igualdade total* não atinge a moral nobre porque esta se encontra nos ‘domínios da hierarquia’, ou seja, a moral nobre não só reconhece, mas também vive esta cultura hierárquica; ora, se esta moral preza por elementos como vida, amor, natureza etc., nada mais normal do que reconhecer a naturalidade e a importância da hierarquia não só nas sociedades humanas, mas em toda a natureza. Aliás, só reconhecendo a hierarquia na natureza para poder fazê-la também parte da cultura humana, pois ao observarmos o mundo tal como ele é – livre de religião, nacionalismo, capitalismo ou ciência positivista (ideais marcados pela hierarquia, mas que em alguns momentos *esquecem* tal marca) –, pode-se verificar a hierarquia presente em tudo que o compõe: nos vegetais, animais, minerais, ou melhor, em todos os elementos que deste planeta faz parte. É simples a constatação, um sinal da hierarquia que podemos perceber está, por exemplo, no caso de elementos como: água, fogo, ar e terra. É evidente onde cada um se situa e que para que possam *viver* harmonicamente “*respeitam a hierarquia*” um do outro, pois refinando o olhar podemos ver claramente uma manifestação da hierarquia em tudo que há neste e em outros planetas tanto como no universo.

Toda elevação do tipo ‘homem’ foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido. (...) Digamos, sem meias palavras, de que modo começou na Terra toda a sociedade superior! Homens de uma natureza ainda natural, bárbaros em toda a terrível aceção da

---

<sup>55</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 154 – p. 71.

palavra, homens de rapina, ainda possuidores de energias de vontade e ânsias de poder intactas, arremeteram sobre raças mais fracas, mais polidas, mais pacíficas, raças comerciantes ou pastoras, talvez, ou sobre culturas antigas e murchas, nas quais a derradeira vitalidade ainda brilhava em reluzentes artificios de espírito e corrupção. A casta nobre sempre foi, no início, a casta dos bárbaros: sua preponderância não estava primariamente na força física, mas na psíquica – eram os homens mais inteiros (o que em qualquer nível significa também ‘as bestas mais inteiras’).<sup>56</sup>

A vida desde sua origem profere uma competitividade para que o rebento exista, e esta existência precede uma violenta disputa resultante em um vencedor que culminará na *hierarquia da vida que se manifesta*. O existir vai implicar em uma *competição constante* e nesta peleja o vivente domina ou é dominado, se impõe ou sofre imposição, explora ou é explorado e este é um movimento natural da vida; o que não é natural é buscar uma igualdade onde não há, isto é, ir contra a vida; porém, não há justificativa para a exploração, domínio e imposição que, por exemplo, o capitalismo promove, pois o que ele promove é algo demasiado humano, é uma distorção daquilo que é natural, porque não promove uma harmonia diante das relações de hierarquia e subordinação, mas promovem sim um abismo, uma distância entre subordinados e subordinadores, entre credor e devedor, e esta distância são tão antinatural quanto à promoção da igualdade socialista.

(...) Aqui devemos pensar radicalmente até o fundo, e guardarmo-nos de toda fraqueza sentimental: a vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação e, no mínimo e mais comedido, exploração – mas por que empregar sempre essas palavras, que há muito estão marcadas de uma intenção difamadora? (...) Em nenhum outro ponto, porém, a consciência geral dos europeus resiste mais ao ensinamento; em toda parte sonha-se atualmente, inclusive sob a roupagem científica, com estados vindouros da sociedade em que deverá desaparecer o ‘caráter explorador’ – a meus ouvidos isto soa como se alguém promettesse inventar uma vida que se abstivesse de toda função orgânica. A ‘exploração’ não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da essência do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência própria da vontade de poder, que é precisamente vontade de vida. Supondo que isto seja uma inovação como teoria – como realidade é o fato primordial de toda a história: seja-se honesto consigo mesmo até esse ponto!<sup>57</sup>

A igualdade total para uma sociedade, como dito mais acima, pode ser considerada uma falácia, algo que vai contra a própria vida tal como ela é. O que a moral escrava quer é que haja um nivelamento do pensar, do sentir, do gosto, da humanidade – esta igualdade entre

---

<sup>56</sup> Idem, seção 257 – p. 153.

<sup>57</sup> Idem, seção 259 – pp. 154 - 155.

todos é a forma que o medíocre encontra para conseguir fazer com que aquele de espírito livre, de moral nobre, se rebaixe e assim como o medíocre torne a vida seu algoz. A naturalidade mais plausível para uma igualdade é uma igualdade entre seus iguais, ou seja, é a igualdade daqueles de moral nobre para com aqueles que compartilham da mesma moral; os de moral escrava, embora não aceitem esta ideia como igualdade, só pode ser igual aos que pertencem a esta moral do ressentimento, pois o abismo entre as duas morais é muito profundo para que seja preenchido apenas com demagogias insólitas. Ora, sendo esta igualdade total uma vontade de verdade que, assim como na religião judaico-cristã – que prega o paraíso, a vida eterna e todas as dádivas no *pós mortem* para aquele que a ela segue e regra sua vida sob suas normas – propõe uma espécie de paraíso a se alcançar e que será fruto de submissão, autonegação e todas as mazelas que a moral escrava traz consigo e, esta igualdade, uma espécie de vontade de verdade, só pode ser negação da vida e por isto é antinatural.

Abster-se de ofensa, violência, exploração mútua, equiparar sua vontade à do outro: num certo sentido tosco isso pode tornar-se um bom costume entre indivíduos, quando houver condições para isso (a saber, sua efetiva semelhança em quantidades de força e medidas de valor, e o fato de pertencerem a um corpo). Mas tão logo se quisesse levar adiante esse princípio, tomando-o possivelmente como princípio básico da sociedade, ele prontamente se revelaria como aquilo que é: vontade de negação da vida, princípio de dissolução e decadência. (...) Também esse corpo no qual, conforme supomos acima, os indivíduos se tratam como iguais – isso ocorre em toda aristocracia sã –, deve, se for um corpo vivo e não moribundo, fazer a outros corpos tudo o que os seus indivíduos se abstêm de fazer uns aos outros: terá de ser a vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio – não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas porque vive, e vida é precisamente vontade de poder.<sup>58</sup>

A alma nobre é por excelência egoísta; ela, por *ser natural*, tem no *seu egoísmo* o reflexo da vida, da unicidade dos seres e do espírito livre; esta alma tem o olhar da perspectiva, da vontade de poder, já que, ela é uma alma que celebra a vida, não pode permitir que sua visão fosse limitada às *verdades humanas*, aqui não brota a *vontade de verdade*, esta vontade de nada, esta vontade de morte tão aclamada pela moral escrava; a vida aqui não é algoz, mas sim dádiva, a natureza não está à parte, ela completa, o olhar é horizontal, amplo e perspectivista, o mundo não é inimigo ou vil, aqui ele é parte, ele dialoga e ensina; o mundo aqui é pedagógico e sempre demonstra, nas entrelinhas, os porquês da natureza – do agir –

---

<sup>58</sup> Ibidem.

humana. O egoísta de alma nobre de maneira alguma pode ser comparado ao *egoísta do capitalismo* (da moral escrava, o *egoísta* da moral escrava) que na verdade é um egocêntrico – este é um ideal muito conhecido pela apologia a um tipo de individualismo (egocêntrico) que tem nesta individualidade um enorme poder de consumo, de submissão, sendo então este tipo de individualidade uma farsa que manipula as pessoas a acreditarem num *egoísmo autônomo* enquanto o que ocorre é uma massificação disfarçada. Então, ao contrário deste *egoísmo de massas*, de consumo – que é passado por este que se veste de liberdade individual, *a democracia capitalista* –, o egoísmo da alma nobre, que é o *egoísmo da autonomia*, daquele que tem na vontade de poder sua vontade de verdade, que enxerga a realidade com os olhos da perspectiva, pois a perspectiva é vontade de vida, é quem possibilita o diálogo entre as culturas, com o mundo e o universo; este egoísmo faz a alma nobre reconhecer seu igual e é onde se permite a verdadeira igualdade.

Com o risco de desagradar a ouvidos inocentes eu afirmo: o egoísmo é da essência da alma nobre, quero dizer, aquela crença inamovível de que, a um ser ‘tal como nós’, outros seres têm de sujeitar-se por natureza, e a ele sacrificar-se. A alma nobre aceita esse fato do seu egoísmo sem colocar questões e também sem qualquer sentimento de dureza, coação, arbitrariedade, antes como algo que estaria fundamentado na lei primordial das coisas – buscasse um nome para isso, ela diria que ‘é a justiça mesma’. Em circunstâncias que de início a fazem hesitar, ela admite que há outros com direitos iguais; tão logo esclarece para si essa questão da hierarquia, move-se entre os seus iguais, os dotados de iguais direitos, com a mesma segurança de pudor e delicado respeito que tem no trato consigo – conforme uma inata mecânica celeste que todos os astros entendem. É uma parcela *mais* de seu egoísmo, essa finura e autorrestrição no comércio com seus pares – todo astro é um desses egoístas –: ela honra *a si própria* neles e no direito que concede a eles, não duvida que a troca de honras e direitos, como *essência* de todo comércio, pertence igualmente ao estado natural das coisas. A alma nobre dá como toma, com o passional e suscetível instinto de retribuição que habita no seu fundo. *Inter pares* [entre iguais] o conceito de ‘graça’ não tem sentido nem aroma; pode haver um modo sublime de deixar que dons de cima caiam sobre si, e sorvê-los avidamente como gotas: mas alma nobre não possui aptidão para essa arte ou atitude. O seu egoísmo a impede: ela não gosta de olhar ‘para cima’ – mas sim *adiante*, de maneira lenta e horizontal, ou para baixo – *ela sabe que se encontra no alto*.<sup>59</sup>

E quem são aqueles de alma nobre? Como o filósofo, Nietzsche, os denominou? Assim diz o pensador:

---

<sup>59</sup> Idem, seção 265 – pp. 164 - 165.

(...) Pressupondo o que vem antes de tudo, isto é, que o conceito de ‘filósofo’ não seja restrito ao filósofo que escreve livros – ou até mesmo faz livro da sua filosofia! – Stendhal contribuiu com um último traço para a imagem do filósofo de espírito livre, e no interesse do gosto alemão eu não quero deixar de sublinhá-lo: – pois ele vai contra o gosto alemão. (...) [Para ser bom filósofo, é preciso ser seco, claro, sem ilusão. Um banqueiro que fez fortuna tem parte do caráter necessário para fazer descobertas em filosofia, ou seja, para ver claro naquilo que é].<sup>60</sup>

**Espírito Livre** é como o filósofo chama aqueles de alma nobre, aqueles que buscam enxergar o mundo pelo o que ele é e não pela forma como algum ideal ascético o determina; ora, é simples perceber a diferença dos olhares; vamos pensar, por exemplo, na forma como o sistema econômico vigente engloba as mais diferentes culturas de forma que elas fiquem subjugadas a ele, a *diversidade aqui é uma unidade*, uma *monocultura* e assim a visão é limitada como a de um cavalo que puxa carroça e que usa o antolho limitando assim sua visão e evitando surpresas que possam fazer com que ele se assuste, desembeste e se livre da carroça, do cabresto e, desta forma, o de moral escrava enxerga o mundo: sempre com seu antolho, sob a tutela do ideal ascético e da vontade de verdade *dele*; e nesta era do consumismo é interessante porque o escravo (consumista) é coberto por um *agradável manto* que de forma vil é nomeado de liberdade; é bizarro o que eles fazem com o conceito de liberdade, o usam para que haja um nivelamento do olhar, de forma que a *liberdade* seja a partir de uma *não liberdade*, pois eles indicam que quem é livre é aquele que é livre para consumir, para ser fraco, porque os discursos de liberdade hoje estão *sempre* atrelados a alguma *linha de produtos* para que determinado grupo consuma, e assim o mundo torna-se nivelado em como se manifesta no sentimento das pessoas, isto é, combustível para aquela ideia de igualdade que é *antinatural* e que não busca uma *igualdade entre iguais* – como os de alma nobre para com os de alma nobre –, mas acreditam naquela igualdade que é o nivelamento das pessoas, *igualdade da mediocridade*, todos no *mesmo pacote*, igualdade para eles é apenas acesso aos mesmos bens – ou possibilidade de acesso, por exemplo, a meritocracia – e não um sentimento que está para além do que é material, como acontece na igualdade dos de alma nobre, que se reconhecem por sua nobreza, caráter e, mesmo que sejam de culturas diferentes, a postura diante do mundo os fazem se sentirem em par de igualdade. Na moral escrava, igualdade então é apenas aquilo que pode ser apalpável – quando se é possível consumir – tê-lo como propriedade, e neste caso *o ideal ascético torna-se material*, vide que hoje os bens materiais têm valor de sujeito, os objetos do *mundo humano* tornam-se maior que o próprio meio que permite sua existência, a natureza, ou seja, o mundo artificial se

---

<sup>60</sup> Idem, seção 39 – p. 42.



sobrepõe ao real. Isto faz crer no escravo uma *sensação de espírito livre*, faz com que ele deturpe o conceito e se inclua nele, sua cultura fomenta em seu mundo artificial uma *liberdade tão viva quanto um celular na mão de um jovem*.

Após tudo isso, ainda preciso dizer que também eles serão espíritos livres, muito livres, esse filósofos do futuro – e que tampouco serão apenas espíritos livres, porém algo mais, maior, mais alto, radicalmente outro, que não quer ser mal-entendido e confundido? Mas ao dizer isto, sinto – para com eles, não menos do que para conosco, seus arautos e precursores, nós, espíritos livres! – a obrigação de varrer para longe de nós, conjuntamente, um velho, tolo equívoco e preconceito, que por muito tempo obscureceu, como uma névoa, o conceito de ‘espírito livre’. Em todos os países da Europa, e também na América, existe atualmente quem abuse desse nome, uma espécie bem limitada de espíritos, gente prisioneira e agrilhoadada, que quer mais ou menos o oposto daquilo que está em nosso intento e nosso instinto – sem falar que, em relação aos novos filósofos que surgem, eles com certeza serão portas fechadas e janelas travadas. Em suma, e lamentavelmente, eles são niveladores, esses falsamente chamados ‘espíritos livres’ – escravos eloquentes e folhetinescos do gosto democrático e suas ‘ideias modernas’; todos eles homens sem solidão, sem solidão própria, rapazes bonitinhos e desajeitados, a quem não se pode negar coragem nem costumes respeitáveis, mas que são cativos e ridiculamente superficiais, sobretudo em sua tendência básica de ver, nas formas da velha sociedade até agora existente, a causa de toda a miséria e falência humana: com o que a verdade vem a ficar alegremente de cabeça para baixo! O que eles gostariam de perseguir com todas as forças é a universal felicidade do rebanho em pasto verde, com segurança, ausência de perigo, bem-estar e facilidade para todos; suas duas doutrinas e cantigas mais lembradas são ‘igualdade de direitos’ e ‘compaixão pelos que sofrem’ – e o sofrimento mesmo é visto por eles como algo que se deve abolir.<sup>61</sup>

Para entendermos melhor a diferença daqueles que são realmente espíritos livres face àqueles que apenas adotaram este conceito para si – crendo que nesta cultura moderna, seja ela o capitalismo ou o socialismo, sua crença é o caminho para a liberdade, para uma salvação – o filósofo nos mostra: “Sinais de nobreza: nunca pensar em rebaixar nossos deveres a deveres para todos; não querer ceder nem compartilhar a própria responsabilidade; contar entre os deveres os privilégios e o exercício dos mesmos”.<sup>62</sup>

O espírito livre é aquele que tem fé em si mesmo, ele não tem ídolos para seguir, ele pode sim admirar e respeitar aqueles que o inspira, porém, jamais tratá-los como ídolos; ao contrário de toda esta cultura vigente, esta cultura da renúncia de si, o espírito livre se reverencia, ele é egoísta, logo sua visão buscará também reverenciar o mundo pelo *o que ele é e não de forma alegórica*; seus deuses dialogarão com o mundo ao invés de terem uma

<sup>61</sup> Idem, seção 44 – pp. 44 - 45.

<sup>62</sup> Idem, seção 272 – p. 170.

postura inquisidora para com ele, o mundo para ele trará consigo *sua realidade* e não será mais *uma representação* ou algo subserviente a nós; aqui a natureza pode manifestar-se, a vida não carrega consigo o fardo da culpa, do pecado; aqui o olhar é perspectivista e o perspectivismo tem como vontade de verdade a vontade de poder, a vontade de vida, isto sim é amor, pois aqui é possível enxergar o mundo sem a necessidade das marteladas da vontade de verdade do asceta – esta vontade de verdade que é vontade de morte, pois nega o mundo que aqui está à vida, para afirmar outro mundo constituído a partir de *valores humanos, demasiados humanos*. Neste modo de visão, as diferentes culturas não só convivem em harmonia como é necessária a existência delas; claro que há guerras entre as culturas que partilham deste olhar, o que difere é que as batalhas que ocorrem a partir deste ponto de vista são tidas com dignidade, não se tem a necessidade de extermínio total do inimigo e nem o desprezo por ele – como ocorreu no nazismo ou na santa inquisição; aqui o inimigo tem valor e, inclusive, para se tê-lo como inimigo tem-se por ele admiração, o nobre reconhece aquele de alma nobre. O espírito livre então entenderá que o universal está na pluralidade cultural, do olhar, ou seja, o que me faz igual não é esta necessidade insana de uma monocultura, de um único olhar, Monoteísta, padronizada, mas sim a diferença entre homens e culturas, a fé de que se é nobre, a fé em si mesmo, e não a fé no messias; a passagem do complexo para o simples aqui não será por um agrupamento, por uma massa de pessoas, culturas, sentimentos em uma só direção, mas sim entender que a simplicidade está justamente na pluralidade que a vida oferece e que sua vontade de verdade é vontade de poder, uma vontade de poder que é característica comum a tudo o que se manifesta no mundo.

(...) Habitantes, ou ao menos hóspedes, de muitos países do espírito; sempre escapando aos buracos úmidos e agradáveis que nos pareciam confinar a predileção ou pré-aversão, a juventude, a origem, o acaso de homens e livros, ou mesmo a fadiga das andanças; cheios de malícia frente aos engodos da dependência, que se escondem em honras, dinheiro, cargo, ou entusiasmos dos sentidos; até mesmo gratos à miséria e às vicissitudes da doença, porque sempre nos livraram de alguma regra e de seu ‘preconceito’, gratos a Deus, Diabo, ovelha e verme que haja em nós, curiosos ao ponto do vício, investigadores a ponto de ser cruéis, com dedos impetuosos para o intangível, com dentes e estômagos para o mais indigesto, prontos para todo ofício que exija perspicácia e sentidos agudos, prontos para todo risco, graças a um excesso de ‘livre-arbítrio’, com almas de frente e de fundo, das quais não se veem facilmente os últimos propósitos, com fachadas e bastidores que ninguém percorreria até o fim, escondidos sob o manto da luz, conquistadores, mesmo que pareçamos herdeiros e esbanjadores, colecionadores e arrumadores desde a manhã até a noite, avarentos de nossa riqueza e nossas gavetas abarrotadas, parcimoniosos no aprender e esquecer, inventivos em esquemas, às vezes orgulhosos de tábuas e categorias, às vezes pedantes, às vezes corujas do trabalho mesmo em pleno o dia; quando

necessário, até mesmo espantelhos – e atualmente isso é necessário: na medida em que somos os amigos natos, jurados e ciumentos da solidão, de nossa mais profunda, mais solar e mais noturna solidão – tal espécie de homens como nós, nós, espíritos livres! E também vocês seriam algo assim, vocês que surgem? Vocês, novos filósofos?<sup>63</sup>

O filósofo não é aquele do mundo acadêmico que é intitulado de filósofo ou por ter terminado seu curso, ou extensões como mestrado e doutorado de filosofia, não é aquele que produz livros baseados em *sua* filosofia, que na verdade é só um reproduzidor das ideias (do ideal ascético) que o cerca, estes não são filósofos, eles podem saber de determinada corrente filosófica, ter de forma clara o pensamento daqueles que foram filósofos, porém, estes são como papagaios que reproduzem aquilo que aprendem, porém jamais poderão ter o refinamento intelectual para produzir valores, para viver *sua filosofia*, para fazer dela *seu movimento e de seu movimento sua filosofia*; eles não têm vontade de poder, eles têm uma vontade de verdade que é submissão, é idolatria, idolatram porque querem ser idolatrados, eles não tem a segurança da solidão, do caminhar só, da autoconfiança; podem no máximo serem instrumentos da filosofia, ótimos propagadores, submissos ao mestre, submissos à verdade do ideal, submisso daquele que o guia – aqui não se permite um voo livre e, por mais alto que voem, eles têm de voltar a seus mentores, como uma águia adestrada. Estes ‘livres pensadores’ das ‘ideias modernas’ têm obrigação com sua igualdade, sua democracia, seu messias, e não podem filosofar para além, isto seria um insulto, em alguns casos *um pecado*; o filosofar deles é em oposição ao mundo, é demasiado humano, é de uma soberba tão insolente que ela se disfarça de humildade; eles adoram que o reconheçam como humanistas, choram as dores do mundo e sempre possuem a fórmula mágica para *combater* a violência – combatendo-a com mais violência –, como se esta fosse à anormalidade, como se o excesso de amorosidade deles fosse o natural, a ponto de não perceberem que Hitler é na verdade excesso de humanidade e não falta dela como querem alguns *livres pensadores modernos*.

(...) Às vezes era o especialista conhecedor de seu canto que se punha instintivamente em guarda contra todas as tarefas e capacidades sintéticas; logo era o trabalhador diligente que percebera um odor de otium [ócio] e de nobre exuberância na economia espiritual do filósofo, sentindo-se então prejudicado e diminuído. Logo era esse daltonismo do homem utilitário, que não vê na filosofia senão uma série de sistemas refutados e um esbanjamento que a ninguém ‘beneficia’. Logo surgia o temor de um misticismo e de uma retificação nas fronteiras do conhecimento; logo o menosprezo por este ou aquele filósofo, que involuntariamente se tinha generalizado em menosprezo pela filosofia. Por fim, mais frequentemente encontrei em jovens eruditos,

---

<sup>63</sup> Idem, seção 44 – p. 46.

por trás do arrogante desdém pela filosofia, a influência ruim de um filósofo ao qual se deixara de seguir, sem, no entanto, escapar a suas valorações negativas de outros filósofos – daí resultando uma indisposição geral para com toda a filosofia.<sup>64</sup>

(...) Os perigos que ameaçam o desenvolvimento do filósofo dão hoje variados, que chegamos a duvidar que esse fruto algum dia amadureça. O edifício das ciências atingiu altura e dimensão tremendas, e com isso cresceu também a probabilidade de que o filósofo se canse já enquanto aprende, ou se deixe prender e ‘especializar’ em algum ponto: de modo que jamais alcança sua altura, a partir de onde seu olhar abrange tudo em torno e abaixo.<sup>65</sup>

Este especialista, este *homem da ciência*, no tocante à filosofia ele só pode ser um trabalhador filosófico, jamais um filósofo. O filósofo sim pode ter sido um trabalhador filosófico, um *homem da ciência*, mas sua sensibilidade o leva a superar este estágio, pois seu tato para com o mundo não é apenas de cunho científico, como um especialista, ele é mais profundo, ele é e vive no mundo, ele é capaz de dialogar com o que está em sua volta; à troca de informação dele para com o mundo não tem necessidade de um recorte acadêmico e estritamente frio, como a relação observador/cobaia, ele percebe nas entrelinhas da natureza a universalidade, como Tales com a água; o respirar, o sentir, o compor, tudo isto é sentido de maneira animal, ele sabe que é humano, mas também que é animal; aquela máxima, a da distinção: humano x animal ou humano x natureza para ele seria cômico se não fosse ridículo demais para rir; seu sentimento é como uma criança que não tem racismo ou nojo do mendigo, como uma criança que pode mudar de opinião sem o drama do orgulho que ao adulto é imposto; ele constrói e destrói, como tudo o que é natural; ele é a natureza, a vida, a vontade de poder, a perspectiva do olhar, aquele que cria valores. Já o trabalhador filosófico é um instrumento necessário para o desenvolvimento da filosofia, porém, ele, por estar preso a uma postura ascética, não cria valores, somente enaltece os valores já estabelecidos, dando a eles um *ar de verdade*; ao contrário dos filósofos que tem na vontade de poder sua vontade de verdade, os trabalhadores filosóficos têm sua vontade de verdade conforme a dos ascetas – e nela se encontra um mundo em oposição a este, com *verdades demasiadas humanas* eles interpretam o mundo de forma soberba se sobrepondo a natureza, o que nos dá aquela sensação de não pertencimento, de que somos algo além ou pelo menos um *animal especial*. O trabalhador filosófico, portanto, foi, é e será maioria no mundo acadêmico, de todo este espaço de vomitório de egos do ‘quem sabe mais sobre este ou aquele filósofo?’ ou ‘quem é o maior especialista em tal corrente filosófica?’, eles não produzem valores, mas sim

---

<sup>64</sup> Idem, seção 204 – pp. 93 - 94.

<sup>65</sup> Idem, seção 205 – p. 95.

reproduzem os que para eles são dados – uma reprodução velada, já que uma das vaidades mais fortes entre os acadêmicos ou eruditos é a *vontade de ser original*.

Insisto em que finalmente se deixe de confundir com filósofos os trabalhadores filosóficos e, sobretudo, os homens de ciência – em que precisamente aqui se dê ‘a cada um o seu’, e não demasiado a uns e muito pouco a outros. Talvez seja indispensável, na formação de um verdadeiro filósofo, ter passado alguma vez pelos estágios em que permanecem, em que têm de permanecer os seus servidores, os trabalhadores filosóficos; talvez ele próprio tenha que ter sido crítico, cético, dogmático e historiador, e além disso poeta, colecionador, viajante, decifrador de enigmas, moralista, vidente, ‘livre pensador’, e praticamente tudo, para cruzar todo o âmbito dos valores e sentimentos de valor humanos e poder observá-lo com muitos olhos e consciências, desde a altura até a distância, da profundidade à altura, de um canto qualquer à amplidão. Mas tudo isso são apenas precondições de sua tarefa: ela mesma requer algo a mais – ela exige que ele crie valores. Os trabalhadores filosóficos formados segundo o nobre modelo de Kant e Hegel têm de estabelecer e colocar em fórmulas, seja no reino do lógico, do político (moral) ou do artístico, algum vasto corpo de valorações – isto é, anteriores determinações, criações de valores, que se tornaram dominantes e por um tempo foram denominadas ‘verdades’. A esses pesquisadores compete tornar visível, apreensível, pensável, manuseável, tudo até hoje acontecido e avaliado, abreviar tudo o que é longo, ‘o tempo’ mesmo, e subjugar o passado inteiro: imensa e maravilhosa tarefa, a serviço da qual todo orgulho sutil, toda vontade tenaz pode encontrar satisfação. Mas os autênticos filósofos são comandantes e legisladores: eles dizem ‘assim deve ser!’, eles determinam o para onde? e para quê? do ser humano, e nisso têm a seu dispor o trabalho prévio de todos os trabalhadores filosóficos, de todos os subjugadores do passado – estendem a mão criadora para o futuro, e tudo que é e foi torna-se para eles um meio, um instrumento, um martelo. Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – vontade de poder. – Existem hoje tais filósofos? Já existiram tais filósofos? Não têm que existir tais filósofos?...<sup>66</sup>

Este ser de espírito livre, olhar perspectivista, que busca *criar valores*, que caminha só e propõem um pensar para o amanhã, o futuro, são algumas das características deste *novo* filósofo; o *não especialista*, o não academicismo, o não *cientificismo* – positivista, que somente declara verdades, daquela vontade de verdade demasiada humana –, a pluralidade do olhar para com o mundo, a diversidade de interpretações da realidade por diferentes culturas – não me refiro às diferenças culturais como podemos evidenciar, por exemplo, entre Europa e América latina que tem a diferença apenas na casca, em hábitos e cotidianos, mas são iguais no íntimo, em *sentir o mundo*, pois o olhar de ambos é europeizado: a estética, padrões comportamentais, de beleza, religioso, políticos, o sentimento de *civilidade europeu*, a veneração ao que é do velho mundo ou a cópia do nacionalismo de lá para reproduzi-lo no

---

<sup>66</sup> Idem, seção 211 – pp. 105 - 106.

sentimento daqui; refiro-me ao grego, ao nativo que ganhou o nome do índio, dentre outros povos e culturas que, de certa forma, foram *deixadas de lado* para a fundação de uma monocultura cristã europeia – e a vontade de poder como vontade de verdade são outros elementos formadores do caráter do filósofo.

(...) Até agora todos esses extraordinários promovedores do homem, a que se denomina filósofos, e que raramente viram a si mesmos como amigos da sabedoria, antes como desagradáveis tolos e perigosos pontos de interrogação – encontraram sua tarefa, sua dura, indesejada, inescapável tarefa, mas afinal também a grandeza de sua tarefa, em ser a má consciência do seu tempo.(...) ‘Será maior aquele que puder ser o mais solitário, o mais oculto, o mais divergente, o homem além do bem e do mal, o senhor de suas virtudes, o transbordante de vontade; precisamente a isto se chamará grandeza: pode ser tanto múltiplo como inteiro, tanto vasto como pleno.’ E mais uma vez perguntamos: será hoje – possível a grandeza?<sup>67</sup>

O filósofo por excelência é um homem à frente de seu tempo, que não *se encaixa* no tempo em que vive, ele se incomoda com a falta de horizontes em que há nos olhares das pessoas que o cercam; muitas vezes mal compreendido é quase que ignorado nesta moral escrava em que hoje vivemos: os eruditos o desprezam, pois sabem o risco que eles carregam, este risco de fazer com que o outro pense, de questionar, de dar ao olhar inúmeras possibilidades, de confrontar as verdades erigidas pelos ascetas e sustentadas, por exemplo, pelos eruditos, acadêmicos ou trabalhadores filosóficos. Como homem do amanhã o filósofo é quem tem condições de preparar o terreno para o novo, de criar valores onde já se tem outros erguidos e assegurados pelos seus idealizadores e seguidores, este sujeito de espírito livre é quem pode romper com a cultura que aqui está, com esta moral escrava que a cada dia parece se fortalecer mais, o filósofo então sofre com ignorância das pessoas de seu tempo.

Cada vez mais quer me parecer que o filósofo, sendo por necessidade um homem do amanhã e do depois de amanhã, sempre se achou e teve de se achar em contradição com o seu hoje: seu inimigo sempre foi o ideal de hoje. (...) Em face a um mundo de ‘ideias modernas’, que gostaria de confinar cada um num canto e numa ‘especialidade’, um filósofo, se hoje pudesse haver filósofos, seria obrigado a situar a grandeza do homem, a noção de ‘grandeza’, precisamente em sua vastidão e multiformidade, em sua inteireza na diversidade: ele determinaria inclusive o valor e o grau, conforme quanto e quantas coisas um indivíduo pudesse aguentar e aceitar, conforme até onde pudesse estender sua responsabilidade.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> Idem, seção 212 – pp. 106 - 107.

<sup>68</sup> Idem, seção 212 – p. 106.

O filósofo é então aquele, como diz seu próprio nome, amigo da sabedoria, e não um usuário dela, não um *instrumentalizador da sabedoria*; ele não tem relação comercial ou utilitária com o conhecimento; ele não se especializa, não compete para saber quem sabe mais; ele, ao contrário, é zombeteiro como quando zombamos de nossos amigos, tem uma relação leve e compromissada, com uma responsabilidade de ser, de viver a filosofia, de estar junto dela igual quando se está na presença de um amigo, de um amigo de verdade, daqueles que são confidentes e que por vezes sabe *melhor quem somos do que nós mesmos*; o filósofo tem que estar além do bem e do mal, ir contra a corrente quando assim lhe convier, *criar valores*, provar do mel e do fel, pois ele tem que ter no seu olhar a perspectiva dos diferentes olhares, culturas, para que assim possa – como é de caráter humano – encontrar uma universalidade, do que é humano, partindo de diferentes (e singulares) olhares, e não aceitar como se tem de aceitar, ou seja, esta visão pobre e esquizofrênica que acontece principalmente para aqueles que seguem um dos *três filhos de Abraão* – Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, onde se sobrepõe um olhar sobre todos os outros – criando uma cultura escrava, uma monocultura, que transpõe o religioso e vira modo de vida, de ação – mesmo em sociedades ateias a visão está contaminada por este sentimento, sentido; o filósofo não tem esta vontade de verdade velada, ilusória, que é na verdade uma fraqueza, já que considera a vida um alçó e fomenta sempre o mundo perfeito criado por mentes humanas, um mundo demasiado humano; a vontade de verdade do filósofo é vontade de poder, de vida, de amor, de natureza, do mundo, dos olhares, de toda a magia que cerca o existir aqui, de se entender animal e não mais ter como máxima ‘homem x natureza’ ou ‘os homens e os animais’, este é o filósofo, um amigo (irmão) da sabedoria e um amante da vida.

É difícil aprender o que é um filósofo, porque isso não se pode ensinar: há que ‘sabê-lo’ por experiência – ou ter o orgulho de não sabê-lo. Mas o fato de que hoje todos falem de coisas de que não podem ter qualquer experiência vale particularmente, e desgraçadamente, para os filósofos e estados filosóficos: – a pouquíssimos é dado conhecê-los, e todas as opiniões populares acerca deles estão erradas. Assim, por exemplo, a maioria dos pensadores e eruditos não conhece por experiência própria essa coexistência genuinamente filosófica de uma espiritualidade vivaz e audaciosa, que ocorre de modo presto, e uma exatidão e necessidade dialética que não dá um passo em falso; em consequência, eles não dariam crédito a quem lhes falasse disso. Eles imaginam toda necessidade como aflição, como penoso ter-de-seguir e ser-coagido, e o pensar mesmo têm como algo lento, hesitante, quase uma fadiga, e com frequência ‘digno do suor dos nobres’ – mas não absolutamente com algo leve, divino e intimamente aparentado à dança e à exuberância! ‘Pensar’ e ‘levar a sério’, ‘ponderar’ uma coisa – para eles isso é o mesmo: apenas assim o ‘vivenciaram’. (...) De que serve hábeis sabichões ou inábeis e honestos empíricos e mecânicos forçarem uma

aproximação, como hoje é tão comum, tentado a penetrar com ambição plebeia nessa ‘corte das cortes’! Mas pés grosseiros não poderão jamais pisar esse tapete: disso já cuidou a lei primordial das coisas; as portas permanecem fechadas para esses importunos, ainda que nelas batam e partam as cabeças! Todo mundo elevado requer que se tenha nascido para ele; ou melhor, que se tenha sido cultivado para ele: direito à filosofia – no sentido mais amplo – obtém-se apenas em virtude da ascendência, os ancestrais, o ‘sangue’ decide também aqui. Muitas gerações devem ter trabalhado na gênese do filósofo; cada uma de suas virtudes deve ter sido adquirida, cultivada, transmitida, incorporada, e não apenas o passo e curso ousado, leve e delicado de seus pensamentos, mas, sobretudo, a disposição para grandes responsabilidades, a elevação de olhares que dominam e olham para baixo, o sentir-se apartado da multidão e seus deveres e virtudes, a afável proteção e defesa do que é incompreendido e caluniado, seja Deus, seja Diabo, o prazer e o exercício da grande justiça, a arte do comando, a amplidão da vontade, a lentidão do olhar que raramente admira, raramente olha pra cima, raramente ama...<sup>69</sup>

Encerro este trabalho com um aforismo de Nietzsche que demonstra como ou qual é o caráter necessário para que se possa ser um filósofo, um rompedor desta cultura, um preparador de terreno para que as próximas gerações *superem* esta cultura pífia, esta moral escrava tão vigente a pelo menos 2015 anos, pois assim diz o filósofo: “Maturidade do homem: significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar”.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Idem, seção 213 – pp. 107 - 109.

<sup>70</sup> Idem, seção 94 – p. 65.



## Conclusão

As grandes épocas de nossa vida são aquelas em que temos a coragem de rebatizar nosso lado mau de nosso lado melhor.<sup>71</sup>

O trabalho aqui realizado buscou frisar os meios de como a moral do ressentimento se fez para estar e permanecer – até os dias de hoje –, como principal forma de se relacionar com o mundo, em especial nas relações humanas; e em contrapartida, como forma de oposição e alternativa aos ideais da moral escrava, é-se apresentada – neste trabalho de conclusão de curso – outra possibilidade de se relacionar com o mundo: a perspectiva no olhar, a moral nobre.

A moral escrava ou moral do ressentimento é inicialmente tratada na breve discussão que ocorre no primeiro capítulo deste trabalho: **O ideal ascético**; neste busco investigar, brevemente, como esta forma de pensar e agir influenciou e influencia até hoje a cultura ocidental – e por mais onde ela *destilou seu veneno*; como o *médico asceta* entorpece a alma do desesperado e sob quais máscaras o ideal ascético se manifesta. O ideal ascético, tratado no primeiro capítulo aqui deste trabalho, é dividido em três pilares: A religião, o nacionalismo e a ciência. Estes três pilares foram fundamentais para o aparecimento de um quarto pilar: o capitalismo, que foi tratado no segundo capítulo: **A moral escrava**. Estes três pilares são fundamentais para o processo de massificação que ocorreu na Europa e por onde mais *ela passou*, pois aqui o homem encontra um *sentido*, uma *direção* a seguir, eles são a base de todo este *mundo civilizado*, deste *mundo moderno*, pois é a partir destes movimentos de massas que o homem foi domesticado; foi aqui que o convenceram com aquela máxima ilusória “homem x natureza” ou “o homem e os animais”; *foi quando o mundo tornou-se demasiado humano*. Nesses três pilares somos apenas uma *variedade de uma unidade*. Assim podemos ver no filósofo:

A falta de sentido do sofrer, **não** o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – e o **ideal ascético lhe ofereceu um sentido!** Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o **‘faute de mieux’** [mal menor] **par excellence**. Nele o sofrimento era **interpretado**; a monstruosa lacuna parecia preenchida, a porta se fechava para todo o niilismo suicida. A interpretação – não há dúvida – trouxe consigo novo sofrimento, mais profundo, mais íntimo, mais venenoso e nocivo à vida: colocou todo o sofrimento sob a perspectiva da **culpa...** Mas apesar de tudo – o homem

---

<sup>71</sup> Idem, seção 116 – p. 67.

estava **salvo**, ele possuía um **sentido**, a partir de então não era mais uma folha ao vento, um brinquedo do absurdo, do sem-sentido, ele podia **querer** algo – não importando no momento para que direção, com que fim, com que meio ele queria: **a vontade mesma estava salva**. Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que do ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isto significa, ousemos compreendê-lo, uma **vontade de nada**, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma **vontade!**... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: o homem preferirá ainda **querer o nada a nada querer...**<sup>72</sup>

A discussão do primeiro capítulo, que tratou brevemente os três pilares, nos conduziu à abordagem do segundo capítulo: A moral escrava ou moral do ressentimento. Já o segundo capítulo teve por objetivo demonstrar os mecanismos usados para o fortalecimento desta moral, em especial nos dias atuais; sendo uma das metas do texto evidenciar a presença e fortalecimento da moral escrava na cultura ocidental – e conseqüentemente por onde ela passou –, desde o primeiro capítulo busquei, quando possível, utilizar os exemplos desta cultura a partir do lugar onde vivo, ou seja, o Brasil, que não é onde esta cultura da moral escrava surge, mas aqui este vomitório é bem despejado, de forma confusa, arrastando consigo quem estiver pela frente, como em uma enchente. E utilizando-me de elementos que meu contexto e realidade oferecem, permiti-me a partir da ideia desenvolvida no primeiro capítulo, a dos três pilares, a trabalhar a ideia de um quarto pilar, o capitalismo. Este quarto pilar *é fruto* de todo este ideal ascético que cerca os outros três, pois, embora sejam diferentes na forma como se apresentam, a essência é a mesma. O capital aqui se apresenta como o mais forte ideal ascético até hoje existente, afinal, somente ele tem o poder de adaptação e mutabilidade para com qualquer cultura e, esta, simultaneamente, sem que perceba, se adapta a ele, pois nem o maior opositor a este sistema está excluído: há lugar para marxistas, comunidades alternativas, religiosos, rebeldes, etc.; ao contrário dos outros ideais, que são engessados, o ideal consumista te deixa à vontade:

Digamos novamente, de imediato, o que já dissemos uma centena de vezes: pois para essas verdades – **nossas** verdades – os ouvidos hoje não demonstram boa vontade. Já sabemos como soa ofensivo incluir o homem, cruamente e sem metáfora, entre os animais; mas nos é imputado quase como **culpa** o fato de empregarmos sempre, em relação precisamente ao homem das ‘ideias modernas’, as expressões ‘rebanho’, ‘instintos de rebanho’ e outras semelhantes. Que importa! Não podemos agir de outra

---

<sup>72</sup> NIETZSCHE, 2009 – seção 28, Terceira dissertação: “O que significam os ideais ascéticos?” – pp. 139 - 140.

forma: pois precisamente nisso está nossa nova visão. Descobrimos que no tocante aos principais juízos morais a Europa se pôs de acordo, e também os países de sua influência: evidentemente se ‘sabe’, na Europa, o que Sócrates acreditava não saber, o que a velha e famosa serpente prometeu ensinar: hoje se ‘sabe’ o que é bem e mal. Deve então soar duro e pouco agradável aos ouvidos, se de novo insistimos: o que aqui julga saber, o que aqui se glorifica com seu louvor e reproche, e se qualifica de bom, é o instinto do animal de rebanho homem: o qual irrompeu e adquiriu prevalência e predominância sobre os demais instintos, fazendo-o cada vez mais, conforme a crescente aproximação e assimilação fisiológica de que é sintoma.<sup>73</sup>

Em contraponto ao que foi desenvolvido nos primeiro e segundo capítulos – **O ideal Ascético e A moral escrava ou moral do ressentimento** –, o terceiro e último capítulo – **A moral Nobre** – deste trabalho de conclusão de curso trata de uma alternativa, uma possibilidade contrária a esta cultura do ressentimento, é o capítulo em que tratei da moral nobre.

A moral nobre é uma alternativa à moral escrava, é um caminho para a mudança, para uma nova perspectiva para com o mundo; pois é na moral nobre que encontramos a possibilidade do novo; nela não se teme a novidade, não se pune as possibilidades e entende-se a diversidade que a vida propõe; nesta diversidade de viventes enxerga-se também a diversidade moral, não se tem aquela vontade nojentada de unidade, de descaracterização, como no exemplo de nação: “Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos...”<sup>74</sup>

O de moral nobre busca sentir a vida e não apenas cumpri-la, sendo assim, ele traz para suas ações mais naturalidade, ou melhor, suas ações são recheadas de vontade, de vontade de poder, de vida, de amor; aquele de moral nobre se reconhecerá como espírito livre, só ele poderá ser filósofo já que tem-se a liberdade de criar valores e não só segui-los; o que o leva a estar na contramão do que esta modernidade hipócrita acredita, como por exemplo, a igualdade entre os homens a partir da desinstitucionalização da hierarquia, como se fosse possível vida sem hierarquia, levando-nos a uma sociedade de rebanho. A hierarquia dentro da moral nobre não significa opressão, um esmagar da força, como é a hierarquia dentro da moral escrava – a que prega a igualdade é a mesma que possui uma hierarquia cruel, velada, hipócrita, cheia de culpa e ídolos; além da confusão de que faz na mente do escravo pois *a perfumaria da igualdade nem sempre combate o mal cheiro da hierarquia deles*. A hierarquia da moral nobre é aquela natural, harmônica, aqui não se esmaga a força, mas sim a louva, a vangloria. Então, como possibilidade que mais preza pela vida, procurei apresentar na moral

<sup>73</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* – 2005, seção 202 – p. 89.

<sup>74</sup> Idem, seção 108 – p. 66.

nobre um *novo pensar*, uma *nova relação com o mundo*, um olhar mais perspectivista e menos dogmático da realidade, assim encontro no filósofo:

Os maiores acontecimentos e pensamentos – mas os maiores pensamentos são os maiores acontecimentos – são os últimos a serem compreendidos: as gerações que vivem no seu tempo não **vivenciam** tais acontecimentos – passam ao largo deles. Ocorre algo semelhante no reino das estrelas. A luz das estrelas mais distantes é a última a chegar aos homens; e enquanto ela não chega, os homens **negam** que ali – haja estrelas. ‘De quantos séculos precisa um espírito para ser compreendido?’ – eis aí também uma medida, com que se estabelece uma hierarquia e etiqueta de que há necessidade: para o espírito e para a estrela.<sup>75</sup>

Desta forma concluo meu trabalho de conclusão de curso, demonstrando a moral escrava, sua fonte e também seu contraponto, buscando explicar tudo a partir do olhar do filósofo Nietzsche, e, utilizando-me de mais uma citação para encerrar – das inúmeras que usei deste grande pensador –, procuro evidenciar aquilo que seu espírito acredita e que eu antes deste trabalho tinha como lampejos; esta passagem se opõe a toda esta frescura acadêmica, a esta soberba dos eruditos e evidencia o filósofo como possibilidade do novo, como espírito livre:

Um filósofo: é um homem que continuamente vê, vive, ouve, suspeita, espera e sonha coisas extraordinárias; que é colhido por seus próprios pensamentos, como se eles viessem de fora, de cima e de baixo, constituindo a sua espécie de acontecimentos e coriscos; que é talvez ele próprio um temporal, caminhando prenhe de novos raios; um homem fatal, em torno do qual há sempre murmúrio, bramido, rompimento, inquietude. Um filósofo: oh, um ser que tantas vezes foge de si, que muitas vezes tem medo de si – mas é sempre curioso demais para não ‘voltar a si’...<sup>76</sup> (*NIETZSCHE – Além do Bem e do Mal* – seção 292).

---

<sup>75</sup> Idem, seção 285 – p. 174.

<sup>76</sup> Idem, seção 292 – p. 176.

## Bibliografia

- **Bibliografia Principal:**

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espírito livres*; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

- **Bibliografia Secundária:**

*Bíblia*; tradução, notas e posfácio de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, Sociedade bíblica do Brasil, 1960. (Edição revista e atualizada no Brasil – Impresso no Brasil – Série RD-100.000-2-1960).

GENNARI, Emilio. *Em busca da liberdade: Traços das lutas escravas no Brasil*. 1ª edição – São Paulo, Expressão Popular, 2008.